

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIAS  
CÂMPUS PIRES DO RIO  
CURSO DE HISTÓRIA

**LENDO NAS ENTRELINHAS DOS QUADRINHOS: O Ensino de História de Goiás a  
Partir da Revista *Doca e Lucas***

MARCELO AUGUSTO FARIA FONTES

ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MARILENA JULIMAR FERNANDES

PIRES DO RIO-GO  
2016

**MARCELO AUGUSTO FARIA FONTES**

**LENDO NAS ENTRELINHAS DOS QUADRINHOS: O Ensino de História de Goiás a  
Partir da Revista *Doca e Lucas***

Monografia apresentada ao Curso de História da  
Universidade Estadual de Goiás/Campus Pires do Rio, sob  
orientação da Professora Doutora Marilena Julimar  
Fernandes.

PIRES DO RIO-GO  
2016

**MARCELO AUGUSTO FARIA FONTES**

**LENDO NAS ENTRELINHAS DOS QUADRINHOS: O Ensino de História de Goiás a  
Partir da Revista *Doca e Lucas***

Monografia submetida à Comissão Examinadora como requisito parcial para  
obtenção de Grau de Licenciatura em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Doutora Marilena Julimar Fernandes (Orientadora)  
UEG/Campus Pires do Rio

---

Professora Ms. Vânia Cristina da Silva (Examinadora)  
(Universidade Federal de Goiás/Goiânia)

---

Professor Doutor Bruno Tadeu Salles (Examinador)  
(Universidade Federal de Ouro Preto)

Parecer: \_\_\_\_\_

Pires do Rio, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2016.

Amo a História, se não a amasse não seria historiador. Fazer a vida em duas: consagrar à profissão, cumprida sem amor; reservar a outra à satisfação das necessidades profundas – algo de abominável quando a profissão que se escolheu é uma profissão de inteligência. Amo a História – e é por isso que estou feliz por falar daquilo que amo. (FEBVRE, 1985, p. 28).

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Universidade Estadual de Goiás- Câmpus Pires do Rio pela a oportunidade de estar concluída essa fase de estudo e, principalmente os docentes, os técnico-administrativos e serviços auxiliares de alguma forma direta ou indireta contribuiu na minha formação acadêmica. Ainda quero deixar um agradecimento especial ao Diretor da instituição Enivaldo Mamede Leão, ao coordenador do curso de História Rubislei Sabino da Silva e todos os professores do curso de História que sempre organizaram as melhores condições para a nossa formação.

Agradeço ao Lindomar Gomes de Avelar, autor dos quadrinhos Doca & Lucas, que gentilmente respondeu nossos contatos via e-mail e telefone, além de nos enviar a revistinha usada como fonte para a realização do trabalho. A você, Avelar, nosso muito obrigado!

Quero ainda agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID me proporcionou uma formação ampla, pois tive a oportunidade de conhecer/vivenciar algumas práticas em sala de aula, que teve uma contribuição significativa em minha formação. Além disso, graças os acompanhamento da professora-coordenadora, Ruth de Fátima Oliveira Tavares e da Professora-supervisora Maria Francinete Meireles colhemos frutos produtivos, nos de 2014-2016, pois as mesmas não mediram esforços e, sempre lutamos juntos com toda equipe do PIBID-subprojeto de História da UEG- Câmpus Pires do Rio por uma educação de qualidade; quero deixar um carinho especial a nossa equipe, vou levar essa experiência para sempre. Assim, não podemos esquecer de agradecer toda a equipe gestora do Colégio Estadual Prof<sup>o</sup> Ivan Ferreira que nos apoiou nessa causa, aceitando assim nossa proposta de trabalho que, foi fundamental para realização e ações dos projetos e aos alunos que sempre nos recepcionaram de forma respeitosa e apoiaram nossos projetos.

Agradeço a minha mãe Ivani Viana Faria Fontes e ao meu irmão Maycon Júlio Faria Fontes que sempre apoiou-me nos momentos de dificuldades e de alegrias, pois os mesmos sempre aconselharam-me, apoiando e incentivando para concluir mais uma jornada, dedico essa monografia especialmente a eles, espero que, em breve teremos conquistas novas. Ainda agradeço aos familiares e amigos que sempre acreditaram em minha capacidade de estar concluindo este curso. Ainda quero agradecer aos meus amigos/companheiros de faculdade, foram quatro anos de lutas, batalhas, festas, viagens, eventos dentro e fora da UEG.

Sempre foi uma sala alegre e divertida, foi muito bom passar quatros anos ao lado de vocês e espero que essa amizade continue.

Quero agradecer a banca pelas contribuições a minha pesquisa, pois foi fundamental para “ajustar” alguns detalhes. Quero fazer um agradecimento especial a Professora Ms. Vânia Cristina da Silva que disponibilizou o seu tempo e, passou algumas dicas essenciais para minha pesquisa, o meu muito obrigado. Agradeço o Professor Doutor Bruno Tadeu Salles pelas suas considerações em minha pesquisa que contribui/acrescentou, agradeço pelo tempo disponibilizado. Agradeço a Professora Doutora Marilena Julimar Fernandes pelas contribuições/orientações que você proporcionou-me, pois você foi uma pessoa importante em minha formação, lembrar-me-ei sempre de você. Sou grato a você, pois foi uma pessoa prestativa, ajudou-me com seu conhecimento para desenvolver esse trabalho, dedico esse trabalho a você também que, participou e construiu junto comigo, agradeço de coração.

E, por fim, obrigado a todas as pessoas que contribuíram para minha formação e para o meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês.

## RESUMO

O interesse para desenvolver tal estudo surgiu por participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) entre os anos de 2014 a 2016 e, perceber que quase não se encontra material didático para o ensino de História de Goiás. E, nesse sentido, buscou-se então uma fonte para realizar um trabalho que pudesse contribuir, ou possibilitar pensar sobre o ensino de História de Goiás e, após pesquisa na *internet* encontrou-se a revista em quadrinhos de “Doca & Lucas em Anhanguera o povoador de Goiás” (2008) do autor goiano Lindomar Gomes de Avelar. Após a leitura da revista, problemática proposta será pensar como que a revista em quadrinhos de “Doca & Lucas em Anhanguera o povoador de Goiás” pôde ser utilizada como recurso didático para as aulas de História de Goiás. E os objetivos serão: Discutir a utilização das histórias em quadrinhos *Doca e Lucas* (2008) como um recurso didático para despertar o interesse dos discentes e, conseqüentemente, melhorar o processo ensino-aprendizagem nas aulas de História de Goiás; compreender a utilização das Histórias em Quadrinhos como recursos didáticos; enfatizar que as histórias em quadrinhos podem contribuir para despertar o interesse dos discentes. Para responder a problemática proposta e alcançar os objetivos o trabalho será organizado em três capítulos: O primeiro “As Histórias em Quadrinhos na História”, terá como objetivo discutir a trajetória histórica dos quadrinhos. Já o segundo “História em Quadrinhos no Ensino de História: Avanços e Desafios” propor-se-á discutir o uso dos quadrinhos no ensino de História, destacando seus avanços e desafios e, no terceiro e último capítulo “Doca e Lucas Na Sala de Aula: Vamos Estudar a História de Goiás” farar-se-á a análise da revista em quadrinhos de “Doca & Lucas em Anhanguera o povoador de Goiás” (2008) do autor goiano Lindomar Gomes de Avelar, como fonte para o Ensino de História de Goiás. Já nas Considerações Finais apresentar-se-á que o professor/historiador não devem utilizar os quadrinhos como recurso para substituir o livro didático ou como ilustração de conteúdo, ou seja, os professores devem ensinar aos alunos a conhecer as técnicas para analisar as imagens, os textos de balões e as especificidades de revista (a estética da revista, os seus colaboradores e identificar o público a ser destinado) e, principalmente a importância do uso dos quadrinhos para o processo ensino/aprendizagem em História, no caso proposto para a História de Goiás.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos - Ensino e aprendizagem - História de Goiás

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01:</b> O Menino Amarelo.....	22
<b>Imagem 02:</b> Capitão América.....	23
<b>Imagem 03:</b> Gato e Ratos.....	25
<b>Imagem 04:</b> As Aventura de Nhô Quin .....	28
<b>Imagem 05:</b> O Tico Tico.....	30
<b>Imagem 06:</b> A Turma da Mônica .....	32
<b>Imagem 07:</b> A Turma do Pererê.....	33
<b>Imagem 08:</b> O Menino Maluquinho.....	34
<b>Imagem 09:</b> O Anhanguera .....	50
<b>Imagem 10:</b> Expedições em Goiás.....	54
<b>Imagem 11:</b> Encenação do Anhanguera.....	56
<b>Imagem12:</b> Os índios Goyá.....	58
<b>Imagem 13:</b> O trabalho de extração feito pelos negros.....	60
<b>Imagem 14:</b> A persistência dos Bandeirantes na busca do ouro.....	61
<b>Imagem 15:</b> Cidade de Goiás.....	62
<b>Imagem 16:</b> Aperto de mãos entre Pedro Ludovico Teixeira e Getúlio Vargas.....	64



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: Palavras de Começo em Começo de Palavras .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA HISTÓRIA.....</b>	<b>18</b>
	<b>2.1 Os Quadrinhos e a História.....</b>	<b>19</b>
	<b>2.2 História das Histórias em Quadrinhos no Brasil.....</b>	<b>27</b>
<b>3.</b>	<b>HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: Avanços e Desafios</b>	<b>35</b>
	<b>3.1 A Linguagem dos Quadrinhos: Elementos e Suas Ações na Sala de Aula .....</b>	<b>43</b>
<b>4.</b>	<b>DOCA E LUCAS NA SALA DE AULA: Vamos Estudar a História de Goiás .....</b>	<b>49</b>
	<b>4.1 – Conhecendo Goiás com Doca &amp; Lucas .....</b>	<b>49</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: Palavras de Fim em Fim de Palavras.....</b>	<b>66</b>
<b>6.</b>	<b>LISTA DE FONTE.....</b>	<b>68</b>
<b>7.</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>

## 1 INTRODUÇÃO: Palavras de Começo em Começo de Palavras

O interesse pelo tema surgiu por estar participando do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) nos anos de 2014 a 2016 e perceber que quase não se encontra material didático para o ensino de História de Goiás para o Ensino Fundamental II. Nesse sentido, propôs-se um projeto que possibilitasse apresentar recursos para serem utilizados no estudo da História de Goiás, mas não se encontrava uma fonte.

Após conversar com a orientadora, pesquisou-se na *internet* uma fonte e foram encontradas as revistas de História em Quadrinhos “Doca & Lucas em Anhanguera o povoador de Goiás” escrita em 1987 e lançada em 2008, pelo autor goiano Lindomar Gomes de Avelar. Esse “achado” foi uma surpresa, pois não se tinha o conhecimento dessa revista ou do conteúdo que ali continha. Logo em seguida, procurou-se entrar em contato com o autor, inicialmente por telefone e depois por e-mail, que se propôs a enviar as revistas via correio. Então, a pesquisa terá como fonte a revista em quadrinhos de “Doca & Lucas em Anhanguera o povoador de Goiás” (2008) do autor goiano Lindomar Gomes de Avelar. Nesse aspecto, a problemática proposta será pensar como que a revista em quadrinhos de “Doca & Lucas em Anhanguera o povoador de Goiás”, criada pelo goiano Lindomar Gomes de Avelar em 1987, pode ser utilizada como recurso didático para as aulas de História de Goiás.

Os objetivos dessa pesquisa serão: Discutir a utilização das histórias em quadrinhos *Doca e Lucas* (2008) como um recurso didático para despertar o interesse dos discentes e, conseqüentemente, melhorar o processo ensino-aprendizagem nas aulas de História de Goiás; compreender a utilização das Histórias em Quadrinhos como recursos didáticos; enfatizar que as histórias em quadrinhos podem contribuir para despertar o interesse dos discentes.

Dessa forma, a revista de Avelar (2008) contém textos e imagens que podem ser utilizados nas aulas de História de Goiás, pois o quadrinho começa contando a história de uma viagem feita para Goiânia com os personagens: tio Doca, o fusca pequi e o sobrinho Lucas que tinham muita curiosidade de conhecer a História de Goiás. O tio Doca, ao perceber o interesse do sobrinho Lucas, resolveu fazer uma viagem de busca saindo de Goianésia-GO rumo a Goiânia-GO. No percurso, tio Doca apresenta ao sobrinho Lucas, a estátua do Bartolomeu Bueno da Silva (pai e filho), assim o tio Doca conta a História do Bartolomeu ao Lucas, mostrando as suas expedições nos séculos XVI e XVII em Goiás, a fundação da primeira capital do Estado de Goiás e a da nova capital (Goiânia).

Após uma pré-análise da revista em quadrinhos, necessita-se refletir como aprender e ensinar a partir das histórias em quadrinhos, pois essas novas metodologias poderão constituir um leitor capaz de realizar interpretações a partir dos sentidos de texto e imagens. Nesse aspecto, Chartier (1996) discute que os livros ou as revistas em quadrinhos proporcionam dois modos de produção: as explícitas ou implícitas, ou seja:

Com efeitos, podemos definir como relevante à produção de textos, as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com a sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido. Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão; empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantido a boa leitura. (CHARTIER, 1996, p. 95 e 96)

Nesse sentido, os quadrinhos utilizam o mecanismo de textos e imagens ou só de imagens que podem facilitar a interpretação das cenas, pois os traços dos personagens ou dos balões ajudam a compreender o que o autor quis propor na construção da História. Por isso, é fundamental observar os detalhes que os quadrinhos carregam, para realizar uma leitura/interpretação de qualidade, ou seja, devem ser analisados todos os elementos que contém nas sequências dos quadros.

A linguagem dos quadrinhos pode levar os alunos a tomarem gosto pelas aulas de História, tal prática pode guiar os discentes a encontrarem novos caminhos para compreender a História de Goiás. Dessa forma, na área da educação existem vários meios para desenvolver e estimular a criatividade dos alunos e as novas aplicações podem ajudar nesse processo de ensino e aprendizagem de História de Goiás. Discutindo o uso dos quadrinhos em sala de aula enquanto meio de melhorar a aprendizagem nas aulas de História, Vilela (2012) lembra que:

Não é à toa que exista um número cada vez maior de professores que já utilizam ou ao menos consideram a possibilidade do uso de HQs no ensino de História. No entanto, essa utilização ainda é relativamente pequena ou modesta se compararmos com o que já ocorre em outras disciplinas, especialmente Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna (Inglês, Espanhol, etc). (VILELA, 2012, p.91)

A colocação de Vilela (2012) aponta que alguns profissionais de História já consideram a possibilidade do uso dos quadrinhos na sala de aula, sendo que as HQs podem ser encontradas em vários veículos de comunicação, por exemplo, nos jornais, revistas, *outdoors*, desenhos animados, filmes e nos próprios livros didáticos. Mas, as editoras dos

livros didáticos, de História, de acordo com Vilela (2012), encontram dificuldades em conseguir autorização dos escritores das HQs para reproduzi-las nos livros. Ainda discutindo a questão da utilização dos quadrinhos, Ferreira (2013) apresenta:

Buscando acompanhar as mudanças que estão se processando no mercado editorial do livro didático de história que nas últimas décadas têm apresentado muitas imagens, além de atividades direcionadas para a interpretação de charges ou tirinhas e, principalmente pelo fato de que as questões de História do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) retratam muitas imagens, charges e tirinhas relacionadas ao contexto histórico nacional e internacional foi que desenvolvemos o presente artigo que tem como objetivo estudar as charges e tirinhas enquanto ferramentas pedagógicas propulsoras de um pensamento crítico e autônomo em sala de aula. (FERREIRA, 2013, p. 7)

Nota-se, então, que a prática pedagógica dos quadrinhos é importante na sala de aula, pois podem contribuir para a formação de um leitor capaz de observar/analisar os vários elementos linguísticos. Nesse contexto, sobre o processo de ensino-aprendizagem de História, Pinsky (2013), acrescenta que “[...] estudar História, interpretá-la, ensiná-la, não é tão fácil como parece, um instrumento de propaganda ideológico ou revolução. Porém, no lugar da utopia abandonada parece ter ficado vazio” (PINSKY, 2013, p. 18), assim, o professor necessita buscar novos recursos didáticos para fortalecer o ensino de História. Portanto, o melhor caminho é buscar assuntos mais próximos dos alunos ou relacionar fatos históricos a seu cotidiano, tornando o processo de ensino-aprendizagem de História interessante. Ainda, de acordo com a autora, o papel do professor de história é mostrar para o aluno que:

O passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto, as aulas de História serão muito melhores se os indivíduos conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente. (PINSKY, 2013, p 23).

Porém, existem vários métodos pedagógicos que possibilitam a discussão de conteúdos que despertam o interesse e a curiosidade dos alunos e, um desses recursos são as histórias em quadrinhos. Mas, o professor/historiador, às vezes, precisa ser criativo para selecionar ou aplicar os seus conteúdos, pois as escolas públicas sofrem carência de material didático diferenciado. Por isso, muitos professores da Rede Pública de Educação improvisam o seu próprio recurso didático – diferenciado – para conseguir chamar a atenção dos alunos, pois não existe muito material didático por falta de incentivo do governo. Para tanto, Souza e Muniz (2013) enfatizam que:

As escolas públicas, de um modo geral, oferecem aos alunos poucos recursos extras, sendo assim, o professor tem que usar a imaginação na hora de “prender” a atenção dos alunos. A construção da história em quadrinhos é indicada para ser trabalhada com os alunos com a finalidade de desenvolver a arte, a leitura e a escrita. (SOUZA e MUNIZ, 2013, p.2)

Ainda de acordo com Souza e Muniz (2013), os professores de História precisam apresentar novas metodologias aos alunos, pois os livros didáticos contêm um material interessante, sendo que a ampliação dos recursos necessários para que os mesmos tenham a oportunidade de conhecer outras fontes. Nesse sentido, o professor/historiador utiliza o livro, além de um recurso alternativo possibilitando aos alunos novos conhecimentos, dessa forma a aula se torna mais dinâmica.

Ressaltando a questão da necessidade do professor de História procurar se familiarizar com as novas propostas de ensino, isto é, se atentar para as informações, é importante lembrar que a mídia contempla uma demanda de material de HQs, tirinhas, charges e o professor de História deve ficar atento para levar esses conteúdos para a sala de aula, pois os veículos de comunicação mais próximos dos alunos são a televisão e a *internet*. Sobre essa questão Ferreira (2013) aponta que:

[...] o trabalho na sala de aula que contempla o uso de charges e tiras crônicas permite ao professor que se atualize a respeito dos assuntos que estão repercutindo durante a semana para que os mesmos possam ser discutidos em sala de aula. (FERREIRA, 2013, p. 08).

Como contribuição, as linguagens dos quadrinhos deve fazer parte do processo ensino-aprendizagem de História. Discutindo a utilização de diferentes linguagens para o ensino de História, Palhares (2008) aponta que: “Elas vêm contribuindo para a dinamização do cotidiano da sala de aula diversificando a prática do ensino da disciplina, permitindo a melhor compreensão por parte dos alunos da mensagem que o professor deseja que ele receba”. (PALHARES, 2008, p.3).

No entanto, para se utilizar o recurso dos quadrinhos enquanto material didático deve-se atentar para a leitura e interpretação do texto e das imagens que estão relacionadas aos conteúdos de História trabalhados na sala de aula. Ferreira (2013) vai além e diz que:

O uso das tiras cômicas e charges em sala de aula não encerram o assunto, pois a linguagem dos quadrinhos enriquece o trabalho pedagógico no sentido de assegurar não somente a problematização do conteúdo ideológico que estão presentes em cada um desses gêneros, mas oportuniza acima de tudo a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes, uma vez que, no momento de discussão das imagens apresentadas, os mesmos serão convidados a expressar o que já sabem a respeito do tema abordado. (FERREIRA, 2013, p.9)

Assim, o professor/historiador não deve considerar os quadrinhos como um mero substituto do livro didático ou como mera ilustração de conteúdo. Por isso, devem apresentar aos alunos os meios para analisar/interpretar os quadrinhos, ou seja, os alunos terão oportunidade de conhecer as técnica/linguagens, sejam escritas ou ilustradas, facilitando assim o aprendizado, em relação à leitura dos quadrinhos e posteriormente construir o seu próprio quadrinho. Com isso, percebe-se a produção de leitura de outras linguagens e ao mesmo tempo será trabalhando o lado da prática da cidadania, ou seja, formando cidadãos capazes de ler, interpretar e desenvolver o seu próprio quadrinho.

Nesse sentido, os alunos poderão realizar um processo de investigação pela diversidade cultural de Goiás, pelas ações dos quadrinhos de *Doca e Lucas* (1987). Mas, para a realização dessa interpretação, o professor/historiador deverá possibilitar aos alunos perceber alguns aspectos técnicos dos quadrinhos (traços, efeitos visuais, características textuais, tipo de papel, etc.) e sua mobilização para a construção de um discurso político específico. Recorrente a essa questão, Luca (2005) nos apresenta algumas especificidades que devemos ter em relação às revistas como fonte ou objeto de estudo:

De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. [...] Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediata e necessariamente patentes nas páginas desses impressos. (LUCA, 2005, p.140)

Luca (2005) enfatiza a importância de conhecer as especificidades que as revistas em quadrinhos contêm, pois estas estão sujeitas a intenção política ou ideológica de seus autores. Por isso, é necessário localizar a sua publicação, características do papel (formato),

observar de que forma o conteúdo foi organizado, a estética da revista, os seus colaboradores, identificar o público a ser destinado, ou seja, realizar uma “exegese” da revista.

Assim, de acordo com Nepomuceno (2005) “[...] à semelhança das HQs com o texto/discurso das tiras constitui um sistema enunciativo composto de quadros, desenhos, legendas, ou seja, integra as linguagens verbais e visuais.” (NEPOMUCENO, 2005, p.69). Os alunos terão a oportunidade de ter contato com uma História mais dinâmica, facilitando a leitura, interpretação e compreensão de uma sequência de quadros que podem auxiliar na construção do conhecimento histórico.

A seleção dos conteúdos de História trabalhados nas escolas tem como base o Currículo de Referência pela Lei nº 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). A Secretaria de Educação do Estado de Goiás apresenta que os professores da Educação Básica devem utilizar as Matrizes como referência, mas o docente tem autonomia para utilizar o seu próprio recurso didático a fim atender à necessidade da instituição local, principalmente dos alunos. É necessário que os indivíduos tenham consciência de suas raízes e a percepção como ser social. Nesse sentido, Pinsky (2013) nos lembra que

[...] o nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos. (PINSKY, 2013, p.28).

Reconhecendo o poder dos quadrinhos e como eles podem facilitar o processo de ensino-aprendizagem de História, ou seja, levarem o conhecimento histórico mais próximo dos alunos, uma vez que para Pinsky (2013), a proximidade e a interação potencializam o aprendizado:

Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica”. (PINSKY, 2013, p.28).

Assim, as aulas de História ficarão mais prazerosas e, por esta razão, os estudantes vão querer participar de maneira mais efetiva, por ser um material que possui muita informação e que deve ser analisado nas entrelinhas, algo que poderá ser discutido passo a passo com os discentes que vão ficar curiosos para desvendar a História de Goiás. Visto dessa maneira, o processo de ensino-aprendizagem será mais valorizado por eles, pois mostra-se o

desvio do tradicional para a busca do novo, do diferente, podendo criar, usar e abusar da imaginação.

Dessa forma, discutir-se-á como utilizar os quadrinhos para despertar o interesse nas e pelas aulas de História de Goiás e “facilitar” a compreensão sobre os fatos históricos, despertar o desejo pela leitura e tomar gosto pelas aulas de História de Goiás, pois para muitos alunos essa é uma disciplina “chata”, e os quadrinhos podem levar os discentes a mudarem essa visão em relação à mesma, na busca de atribuir sentidos ao percorrer os caminhos da interpretação individual e o intercâmbio de hipóteses de leitura. Nesse sentido, Chartier (1996) nos mostra que a leitura:

Por outro lado, a leitura pessoal encontra-se situada em uma rede de práticas culturais apoiada sobre o livro: a escuta de textos lidos e relidos em voz alta, na família ou na igreja, a memorização desses textos ouvidos, mais reconhecidos do que lidos, sua recitação para si ou para os outros. (CHARTIER, 1996, p.85 e 86)

Por isso, o professor/historiador realiza a leitura coletiva com os alunos, para que sejam mais produtivas as aulas, ou seja, como disse Chartier (1996), os alunos podem aprender mais com a leitura em voz alta, e isso ajuda no processo de ensino de História de Goiás. Mas, é importante que o professor incentive os alunos a realizarem interpretações do documento histórico, tanto aos textos e imagens, pois essa iniciativa torna-se necessária para que os alunos entrem em contato com a pesquisa.

A partir dessas considerações, a pesquisa discutirá que as Histórias em Quadrinhos, podem ser integradas como recursos didáticos para o ensino-aprendizagem na disciplina de História de Goiás. Com esse intuito buscar-se-á compreender nas entrelinhas dos quadrinhos, meios para desenvolver um método para tornar o ensino de História de Goiás mais atrativo e interessante. Os fatos históricos têm uma proporção de eventos curiosos, mas nem sempre os textos dos livros didáticos de História apresentam recursos interessantes sobre os seus protagonistas.

Por isso, os quadrinhos poderá ser um material de apoio por ter a capacidade de abranger uma narração visual e textual a partir do processo de valoração de uma determinada esfera em determinado tempo e contexto, já que as histórias em quadrinhos se constituem, na maioria das vezes, de texto verbal e não-verbal.

O uso das Histórias em Quadrinhos na sala de aula pode proporcionar novos meios para construir o conhecimento que será integrado à interdisciplinaridade para despertar o interesse cultural, político e socioeconômico dos discentes. Assim, nessa pesquisa serão



abordados alguns aspectos que possibilitarão a utilização dos quadrinhos, como uma ferramenta pedagógica para despertar maior interesse dos alunos no processo ensino aprendizagem nas aulas de História de Goiás.

Entende-se que os quadrinhos serão importantes para o enriquecimento dos estudantes, pois estes terão oportunidade de realizar a interpretação das tiras sequenciais que procuram passar informação, já que, segundo Nepomuceno (2005)

[...] em muitas tiras isso se efetiva na apresentação dos eventos organizados na sequenciação dos quadros. Esse recurso gráfico dos quadrinhos orienta a história, apresenta os personagens em uma situação no tempo e no espaço. (NEPOMUCENO, 2005, p. 47).

Sendo assim, os discentes ficarão curiosos pelo novo método utilizado pelo professor na sala de aula. Nesse sentido, desperta o interesse dos mesmos para o mundo do conhecimento histórico de Goiás e o ensino através dos quadrinhos orientará novas possibilidades de conhecimento na escola.

Destaca-se que, para a presente pesquisa, a proposta será a utilização dos quadrinhos de Avelar (2008) como recurso didático para as aulas de História, mas tanto o texto quanto as imagens e para embasar a discussão sobre a utilização dos textos recorre-se à leitura de Chartier (1996) que nos lembra que:

Na maior parte dos casos, portanto, o estudo das impressões deve ser conduzido com atenção, porque examina um material em que a organização tipográfica traduz, claramente, uma intenção editorial e porque pode revelar a marca, no próprio objeto, das maneiras populares de ler. (CHARTIER, 1996, p. 97)

Por isso, ao realizar a leitura dos quadrinhos de Avelar (2008), deve-se ater aos detalhes, aos ditos, aos não ditos e às lacunas deixadas pelo autor, intencionalmente ou não. A sequência das imagens e dos textos ajuda os alunos a esboçar uma “imaginação histórica” sobre a História de Goiás. Sobre a questão das imagens Moimaz (2009) enfatiza que:

A imagem pode ser utilizada como meio para estrutura o pensamento em relação ao tema estudado. Desse modo, os princípios pedagógicos apontados, quando empregados pelo professor na sala de aula, contribuem para que o aluno compreenda o tema da obra apresentada. Esse tipo de trabalho permite que o aluno construa sua interpretação a respeito do tema estudado. (MOIMAZ, 2009, p. 53)

Dessa forma, Moimaz (2009) nos mostra que o uso da imagem ajuda na construção do conhecimento histórico, e os alunos podem realizar a sua interpretação do

documento histórico. Assim, a imagem pode auxiliar o professor/historiador a orientar os seus alunos sobre a História de Goiás para que os mesmos tenham mais compreensão sobre o enredo histórico.

Nesse contexto, a pesquisa será organizada em três capítulos. O primeiro, *As Histórias em Quadrinhos na História*, terá como objetivo, fazer uma discussão sobre a trajetória dos quadrinhos ao longo da sua História, desde as primeiras formas de comunicação até chegar ao momento atual mostrando transformações ocorridas ao longo da sua História.

Já o segundo, *História em Quadrinhos no Ensino de História: avanços e desafios* buscará discutir sobre o uso dos quadrinhos no ensino de História, destacando seus avanços e desafios. Nessa perspectiva, serão discutidos alguns elementos que os quadrinhos contêm na sua estrutura que são importantes tanto para o professor/historiador quanto para os alunos, uma vez que, existem várias codificações e, também, será realizada breve análise da Lei nº9.394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

No terceiro e último capítulo, a *Leitura do Quadrinho Doca & Lucas*, será realizada a análise da revista em quadrinhos de “*Doca & Lucas em Anhanguera o povoador de Goiás*” (2008) do autor goiano Lindomar Gomes de Avelar, como fonte para o Ensino de História de Goiás. Salienta-se que os quadrinhos trarão uma inovação para o ensino, afastando a ideia de que a aprendizagem da disciplina de História é apenas aquela que consta nos livros didáticos. Procura-se ampliar as fontes históricas para tornar o ensino mais atrativo e dinâmico na sala de aula. Portanto, o universo dos quadrinhos torna-se cada vez mais utilizado pelos professores de História, para despertar o interesse dos alunos pela leitura, para reflexão e análise das imagens.

## 2 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA HISTÓRIA

O presente capítulo tem como objetivo apresentar um breve histórico das Histórias em Quadrinhos, uma vez que essa apresentação torna-se importante, pois o objetivo da pesquisa será discutir a utilização da Revista *Doca e Lucas* (2008), do autor Lindomar Gomes de Avelar, como recurso didático para o processo de ensino e aprendizagem da História de Goiás. Nesse sentido, os quadrinhos podem ser utilizados na sala de aula como ferramenta pedagógica para estimular e melhorar o processo de ensino e aprendizagem e desenvolver nos alunos o senso crítico.

Dessa forma, os quadrinhos se tornaram meios para apresentar acontecimentos históricos por meio humorístico e, conseqüentemente, chamar atenção dos leitores. Por isso, os quadrinhos são veículos de comunicação que podem ser analisados de várias maneiras para descobrir qual é a intenção da sua proposta de propaganda, pois ao longo do tempo sofreu várias modificações para adequar com o seu momento histórico. As HQs<sup>1</sup> podem ser um instrumento de suma importância pedagógica, tudo vai depender de analisar nas entrelinhas o conteúdo ou contexto Histórico.

Nesse sentido, os quadrinhos poderão se tornar um recurso pedagógico para serem utilizados na sala de aula e mostrar aos alunos novas fontes de conhecimento histórico, ou seja, serão propostas metodológicas que o professor utilizará no processo de ensino e aprendizagem de História para apresentar novas maneiras de ensinar e aprender História. Assim, o professor/historiador ampliará as fontes históricas para trazer os alunos para o mundo do conhecimento histórico. Com isso, devem-se observar novos mecanismos para o ensino.

Nesse contexto, os professores, não somente de História, mas das diversas disciplinas estão em busca de novas linguagens, para utilizarem nas aulas, com objetivo de torná-las mais dinâmicas, mais interessantes, melhorando assim o processo de ensino-aprendizagem. Acredita-se que a utilização de revistas em quadrinhos contribua para esse processo. Ou seja, as HQs serão um importante apoio para auxiliar na construção do conhecimento histórico.

---

<sup>1</sup> História em quadrinhos.

Por isso, a História em Quadrinhos pode ser usada para despertar o interesse dos alunos, ou seja, pode ser uma leitura agradável, de fácil compreensão por parte dos alunos e, por isso, podem ajudar no processo de ensino/aprendizagem de História. Os quadrinhos, segundo Vilela (2012), apresentam muitas informações, “[...] representações de gênero, discursos ideológicos, gírias da época etc.” (VILELA, 2012, p. 91). Então, as HQs poderão se tornar um material didático importante para ser desenvolvido no ensino de História, ou seja, tem vários quadrinhos que podem ser relacionados com o contexto histórico.

Assim, entende-se ser importante conhecer a História das Histórias em Quadrinhos e quais eram seus objetivos no século XIX (quando começou as primeiras circulações dos quadrinhos impressos), lembrando que tinham como função atribuir sentidos políticos, sociais, econômicos e culturais de forma bem humorada, em edições de jornais, para informar parte da população alfabetizada e, com o passar do tempo, a partir do século, XX e XXI, os quadrinhos passaram a ser destinados ao público infantil e adulto. Essas questões serão discutidas a seguir.

## 2.1 Os Quadrinhos e a História

É necessário voltar na história para conhecer as mudanças dos quadrinhos desde o tempo das cavernas. Naquela época, eram feitas pinturas nas paredes das cavernas, que mais tarde foram estudadas por Historiadores e Antropólogos e entendidas como uma forma de comunicação que segundo Vergueiro (2014):

De certa forma, pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que este presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica. O homem primitivo, por exemplo, transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos: o relato de uma caçada bem sucedida, a informação da existência de animais selvagens em uma região específica, a indicação de seu paradeiro etc. (VERGUEIRO, 2014, p.8)

Dessa forma, ao logo da história, pode-se notar que a primeira forma de comunicação foi através de sequências de imagens que homens das cavernas utilizaram para comunicar com outros indivíduos. Nesse sentido, os homens primitivos deixavam registrados nas cavernas imagens de caçadas bem sucedidas, das lutas entre os grupos rivais, imagens da

natureza, entre outras mais. Essas imagens foram fundamentais para se entender o modo de vida, de pensar e agir daqueles grupos.

Nessa perspectiva, outro povo que desenvolveu sequências de imagens foram os egípcios, eles procuraram realizar pinturas representando seu cotidiano. A principal imagem representada seria dos faraós, mas pintavam, também, nas paredes das pirâmides, das colheitas, das caçadas, das oferendas aos deuses. Como nos lembra Palhares (2008):

Bem mais adiante, os povos egípcios produziram imagens pintadas ou modeladas no interior dos templos, nos túmulos, nos quais apareciam figuras do faraó, da corte, reportando episódios repletos de símbolos e que representavam cenas de caçadas, de colheitas, de oferendas, ou mesmo cenas domésticas. (PALHARES, 2008, p. 6)

Assim, com o passar do tempo, o sistema de transmissão de mensagens foi se modificando e, com o avanço tecnológico, a produção dos quadrinhos saiu das paredes das cavernas ou até mesmo das pirâmides para passar por um sistema de informatização e, por isso, esse processo ficou conhecido no século XIX, de acordo com Vilela (2012), por sistematizar ao mercado da impressão gráfica que esse modelo modernizou os quadrinhos e obteve avanços significativos. Dessa forma, os quadrinhos foram se tornando um novo veículo de comunicação.

Nesse contexto, os quadrinhos tiveram muita repercussão quando, segundo Vilela (2012) os jornais impressos começaram a divulgar de forma humorística uma crítica política, através de charges ou quadrinhos. Assim, o público alvo dos quadrinhos no século XIX eram os intelectuais que sabiam ler e escrever. Nesse sentido, Vilela (2012) nos lembra que:

Tanto as HQs quanto a atual concepção de escola sugeriram no século XIX, não se trata de uma simples coincidência, pois tanto a publicação regular de HQs em jornais ou periódicos quanto o surgimento de instituições de ensino para atender os filhos da classe trabalhadora estão diretamente ligadas às consequências da Revolução Industrial, iniciada na Grã-Bretanha na segunda metade do século XVIII. (VILELA, 2012, p.40)

Então, com o avanço do ensino para atender a classe dos trabalhadores, os quadrinhos foram sendo um instrumento, próximo da população, pois as pessoas começaram a ter o hábito de ler jornais e, com isso, várias pessoas tiveram contato com os quadrinhos. Assim, a História em Quadrinhos, ao logo dos tempos, sofreu várias transformações, ou seja, no século XIX, o público alvo dos quadrinhos eram os adultos, mas a partir do século XX, os quadrinhos passaram a ser lidos, também, por crianças, jovens e adultos. Nesse aspecto,

Bittencourt (2015) ressalta que a circulação dos quadrinhos foi crescendo devido à criação de escolas públicas na Europa e, a partir de então, muitos desses quadrinhos foram inseridos em livros didáticos. Assim, a autora enfatiza que:

Existem trabalhos que recuperam, a partir dos manuais escolares do século XIX e início do século XX, o acervo iconográfico que se constituiu no período e o papel que desempenhou na configuração de uma memória histórica incorporada por amplos setores escolares, na medida em que a escolarização atingia a maior parte da população. (BITTENCOURT, 2015, p.74)

Por isso, as HQs tornaram-se um veículo de comunicação em massa, e, mais “[...] quanto à publicação de HQs em livros, tal prática é comum na Europa continental desde o século XIX, durante os primórdios da HQ”, (VILELA, 2012, p.53), lembrando que europeus tinham o hábito de colecionar os quadrinhos. O autor ressalta também que, em diversas regiões do mundo, podia ser encontrada a circulação dos quadrinhos como, por exemplo, no Japão que teve destaque no mercado interno, mas foi nos Estados Unidos que as revistas em quadrinhos atingiram relevância no mercado nacional e internacional (devido à consolidação dos recursos tecnológicos que foi fundamental para expansão das HQs).

Por isso, a partir da criação da revista *Yellow Kid* (O Menino Amarelo) os americanos, começaram a entrar em contato com os quadrinhos. Nesse sentido, Vilela (2012) ressalta que:

Seja como for, esses antecessores não diminuem a importância do *Yellow Kid*, pois a repercussão e o sucesso comercial da criação de Outcault impulsionaram a indústria norte-americana de HQs, que embora não seja em maior em termos de mercado interno (a indústria japonesa de HQs possui no Japão um status semelhante ao das telenovelas da rede Globo no mercado brasileiro), é com certeza a mais influente em termos mundiais (o que inclui o licenciamento das personagens das HQs em camisetas, filmes, brinquedos etc.). (VILELA, 2012, p.69 e 70)

Dessa forma, os quadrinhos do *Yellow Kid* foram importantes para indústria dos Estados Unidos, para que outras Histórias em Quadrinhos surgissem. Assim, de acordo com Nepomuceno (2005), foi nos Estados Unidos que as Histórias em Quadrinhos ficaram conhecidas como as dos dias atuais, e a primeira circulação foi no jornal *New York World*. Para o autor:

Nos Estados Unidos, o aparecimento de *Yellow Kid*, em 1894, personagem criado por um desenhista americano (Richard F. Outcault) para o jornal sensacionalista, *New York World*, é tomado pelos pesquisadores como marco inicial para uma história das HQs (história em quadrinhos). (NEPOMUCENO, 2005, p. 42)

Assim, a imagem a seguir retrata o modelo do quadrinho *Yellow Kid*, que aparecia no jornal de Nova Iorque, apresentando um menino de pijama amarelo criticando a sociedade de forma humorada. As tiras do *Yellow Kid* foram as primeiras a associar a junções de imagem e textos utilizando balões para deixar a história mais interessante para os leitores norte-americanos.

**Imagem 01:** Yellow Kid (O Menino Amarelo)



Disponível no site: <<http://xroads.virginia.edu/~ma04/wood/ykid/readership.htm>>

Então, foi a partir da publicação dessa história em quadrinhos no jornal New York, de acordo com Nepomuceno (2005), que os norte-americanos tomaram gosto pela leitura dos quadrinhos. O jornal procurava divulgar informações engraçadas do cotidiano político e social, para conseguir vender em grande quantidade. Os quadrinhos se tornaram frequentes nos jornais e revistas e muitos desses veículos os publicavam diariamente. Para isso, foram feitos investimentos financeiros para que os quadrinhos atingissem um público cada vez maior. Para Vergueiro (2014) é possível que:

Ainda que histórias em quadrinhos ou narrativas gráficas contendo os principais elementos da linguagem dos quadrinhos possam ser encontradas, paralelamente, em várias regiões do mundo, é possível afirmar que o ambiente mais propício para o seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu. (VERGUEIRO, 2014, p.10)

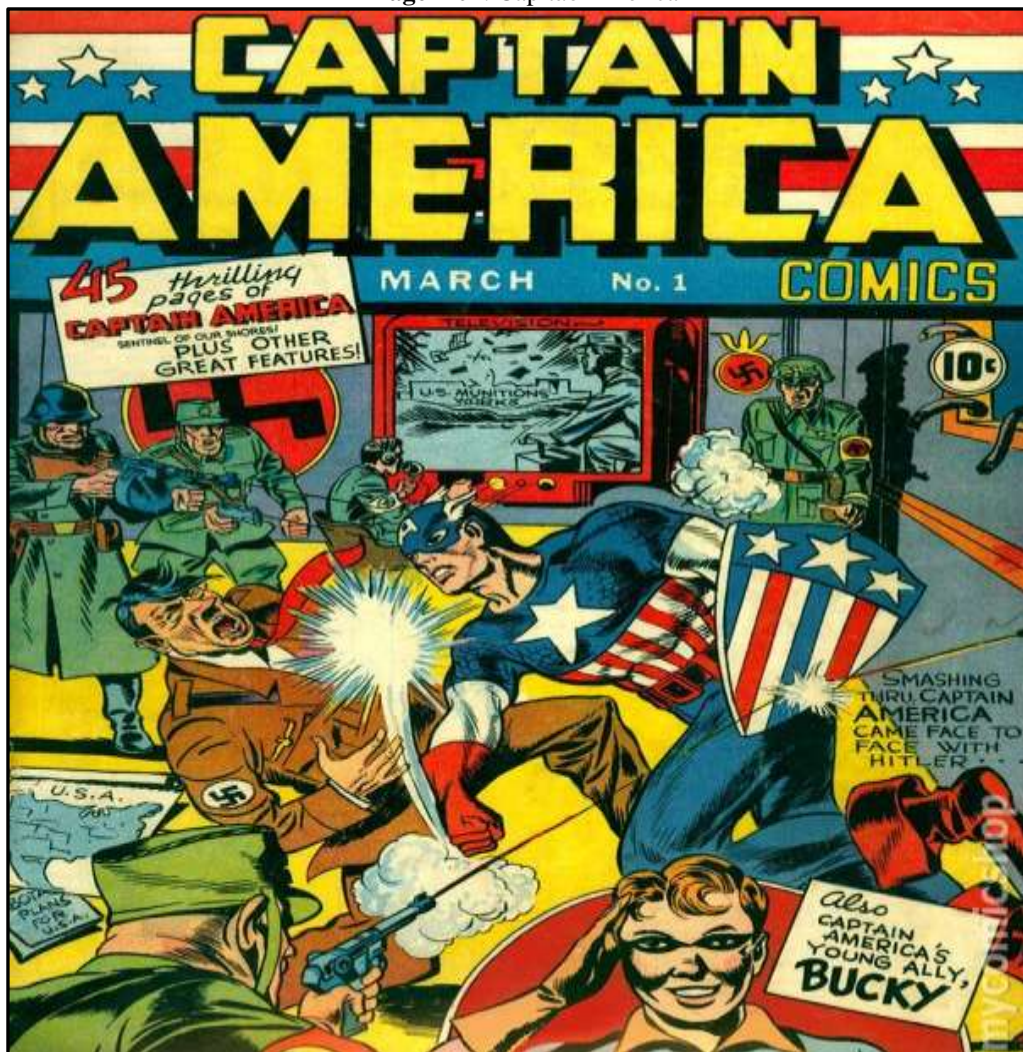
Por isso, grande parte do mercado editorial dos quadrinhos é dos Estados Unidos e a circulação das revistas em quadrinhos norte-americanos, tinha como objetivo de demonstrar



os atos políticos, sociais e heroicos. Assim, no século XX, os EUA utilizaram os quadrinhos como ferramenta política para demonstrar características nacionalistas. De acordo com Vilela (2014), um dos HQs “mais emblemáticos” foi a criação do Capitão América durante a Segunda Guerra Mundial, que seria a nova propaganda política dos Estados Unidos.

Nesse sentido, os quadrinhos têm a função de representar histórias engraçadas e, ao mesmo tempo, reforçar um sistema de governo, criticar os adversários como, por exemplo, promovê-las em uma guerra. Foi o caso dos EUA, em 1 de março de 1941, que utilizaram na primeira edição da revista da *Marvel Comics* a qual demonstra o Capitão América esbofeteando Adolf Hitler. Para Vergueiro (2014), a edição chamou a atenção de grande parte do mundo, pois não se tinha conhecimento de uma história em quadrinhos que representasse uma guerra.

Imagem 02: Capitão América



Disponível no site: <<http://www.ign.com/articles/2011/03/07/marvel-comics-and-history?page=1.>>



Mas, é importante ressaltar que, segundo Vilela (2014), o criador do Capitão América tinha origem Judaica e, talvez, por isso, tenha criado o quadrinho no qual o herói americano agredia fisicamente Hitler.

Se quisermos, por exemplo, analisar uma história em quadrinhos do Capitão América, super-herói criado durante a Segunda Guerra Mundial, antes da entrada (declarada) dos Estados Unidos no conflito, é importante levarmos em conta o fato de que seu criador, o desenhista Jack Kirby (1917-1994), pseudônimo de Jacob Kurtzberg, era um norte-americano de ascendência Judaica. Assim, tinha também fortes razões pessoais para criar um herói que lutava contra o nazismo, cujo antissemitismo era notório. (VILELA, 2014, p.113)

Compreende-se, então, que ao analisar uma história em quadrinhos, antes é necessário extrair algumas informações para conhecer os motivos da sua criação que é peça fundamental para compreender o processo Histórico. Assim, foi no caso dos quadrinhos do Capitão América que foi criado por Jack Kirby, desenhista de origem judaica. Nesse sentido, ao analisar um documento histórico, algumas questões sociais, políticas e econômicas devem ser pertinentes, pois os personagens representados surgiram, muitas vezes, a partir de um acontecimento histórico.

Outra obra em quadrinhos que merece destaque, de acordo com Vilela (2014), foi o livro autobiográfico<sup>2</sup> *Maus- A Luta de um Sobrevivente*<sup>3</sup>, em quadrinhos, de Art Spiegelman publicado na década de 1980 e que despertou a curiosidade ou interesse de diversos leitores. Nesse sentido, esse quadrinho seria a representação de um campo de concentração durante o holocausto. De acordo com Vilela (2014):

Maus: obra que reconta o drama dos judeus durante o nazismo. O autor, Art Spiegelman, sueco radicado nos Estados Unidos, conta a trajetória do pai, um judeu polonês que sobreviveu ao holocausto. Spiegelman utiliza com eficácia o antigo recurso de animais antropomorfizados, tão comum nas histórias infantis, para construir uma fábula adulta \_ os judeus são retratados como ratos e os nazistas, como gatos. (VILELA, 2014, p.117)

A imagem a seguir faz parte do livro mencionado e como, pode-se perceber, os nazistas são retratados como gatos e os judeus como ratos. Vilela (2014) enfatiza que essa

<sup>2</sup> Sobre esse conceito ler: ROSENTHAL, Gabriele. “A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas consequências metodológicas.” In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. (coords.). *Usos & abusos da história oral*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

<sup>3</sup>Recebeu o Prêmio de Pulitzer dos títulos mais importantes oferecido aos jornalistas norte-americanos pela Universidade de Columbia, localizado em Nova Iorque, que procura premiar os grandes destaques nas áreas do jornalismo, literatura e da música. É foi criado em 1917, após a morte de seu criador, Joseph Pulitzer, jornalista e editor renomado dos Estados Unidos. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/jornalismo/pulitzer/>>.

obra é importante para observar traços de campos de concentração, pois os personagens vivenciaram esse momento histórico e, talvez mostrando as imagens e os textos de balões explicando a História do nazismo seja mais impactante e reflexivo sobre esse período.

**Imagem 03:** Gato e Ratos



**Disponível no site:** <<http://www.saraiva.com.br/maus-a-historia-de-um-sobrevivente-177012.html>>

Analisando essa obra, Vilela (2014) destaca que esta foi de grande relevância para a historiografia dos quadrinhos, pois o autor participou ativamente na construção do enredo histórico e no desenvolvimento dos desenhos e os personagens representados nas imagens os ratos são o próprio autor e seu pai. Vilela (2014) lembra também que essa obra tornou-se muito importante para se compreender a organização dos campos de concentração durante o holocausto.

Dessa forma, Vergueiro (2014) enfatiza que, no final da Segunda Guerra Mundial, surgiu outro “modelo” de produção de gêneros dos quadrinhos, isto é, foram lançadas histórias de terror e suspense que influenciaram cada vez mais os jovens e crianças, sendo assim, muitos dos norte-americanos temeram que esse tipo de leitura pudesse ser influência, e que as crianças tentassem imitar, por exemplo, o *Superman* ao pular dos prédios.

Assim, ao final da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria que dividiu o mundo em dois blocos econômicos: os Estados Unidos da América – Capitalista – e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – Socialista, sendo assim, durante esse período,

segundo Vergueiro (2014) os quadrinhos tiveram uma atmosfera de especulação, tudo por causa do psiquiatra alemão Frederik Wertham que se mudou para os Estados Unidos e publicou vários artigos enfatizando que a leitura dos quadrinhos seria perigosa, pois poderiam influenciar uma sociedade.

Frederik Wertham, psiquiatra alemão radicado nos Estados Unidos, encontrou espaço privilegiado para uma campanha de alerta contra os pretensos maléficos que a leitura de histórias em quadrinhos poderia trazer aos adolescentes norte-americanos. Baseado nos atendimentos que fazia de jovens problemáticos, Dr. Wertham passou a publicar artigos em jornais e revistas especializadas, ministrar palestras em escolas, participar de programas de rádio e tevê, nos quais sempre salientava os aspectos negativos dos quadrinhos e sua leitura. (VERGUEIRO, 2014, p.11)

Nesse contexto, em 1954, Dr. *Wertham* fez várias investigações para compreender o perfil dos leitores (crianças e jovens) e, de acordo com Vergueiro (2014) ficou preocupado com o resultado, pois, em sua opinião, o público leitor – crianças e jovens – dos quadrinhos se tornava cidadãos desrespeitosos com as Leis do país. Por causa disso, os norte-americanos procuraram criar mecanismos para avaliar a produção dos quadrinhos, fiscalizar e orientar os pais.

Diante dessa situação, o mercado dos quadrinhos foi perdendo campo por falta de liberdade de expressão, pois os quadrinhos representavam ameaça “moral” da sociedade norte-americana. Nesse sentido, Vilela (2014) nos lembra que, ao analisar alguns dos quadrinhos, deve-se atentar para o fato de que os autores são influenciados por aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos.

Ainda que inconscientemente, toda história em quadrinhos reflete valores, visões de mundo, ideologias. O autor pode tanto expressar uma posição estritamente pessoal (o chamado “trabalho de autor”) quanto, no caso de uma história em quadrinhos criada sob encomenda, reproduzir um discurso que reflita o posicionamento político da editora ou companhia para a qual trabalha. (VILELA, 2014, p.114)

E, ainda segundo o autor, ao analisar as revistas em quadrinhos deve-se questionar: Quem são os autores? Onde foi produzido? A quem se destina? Qual a sua finalidade? Para, a partir dessas indagações, conhecerem o conteúdo, roteiristas e desenhistas que podem influenciar muito os leitores. Nesse sentido, os Estados Unidos adotaram medidas para que os quadrinhos, antes de serem publicados, passassem pelo controle ou avaliações do governo e, somente após essa censura, poderiam ser publicadas com um selo de autorização.

Assim, após a publicação do livro do Dr. Wertham, a Comics Magazine Association of América sentiu necessidade de elaborar um código mais detalhado, que passou a vigorar para todas as revistas de história em quadrinhos. A partir dessa data, cada *Comic book* publicado nos Estados Unidos passou a receber um selo, fixado de forma bem visível na capa, como forma de garantir à sociedade “qualidade” interna. (VERGUEIRO, 2014, p.13)

Várias editoras de revistas em quadrinhos nos Estados Unidos, fecharam e, conseqüentemente, as produções dessas revistas diminuíram consideravelmente e as que permaneceram continuaram sendo fiscalizadas pelo Estado para tentar garantir que os quadrinhos fossem instrumentos para preservação dos valores morais e religiosos. Mas, segundo Vergueiro (2014) muitas obras críticas e polêmicas eram criadas e publicadas no “mercado negro.”

Nota-se que a leitura e análise dos quadrinhos possibilitam compreender o processo histórico, por isso, é importante compreender como essas publicações modificaram-se a partir do século XIX até os dias atuais, lembrando que essas mudanças ocorreram, também, no Brasil. E a produção brasileira sofreu influência dos quadrinhos europeus e americanos e essa questão será discutida a seguir.

## **2.2 História das Histórias em Quadrinhos no Brasil**

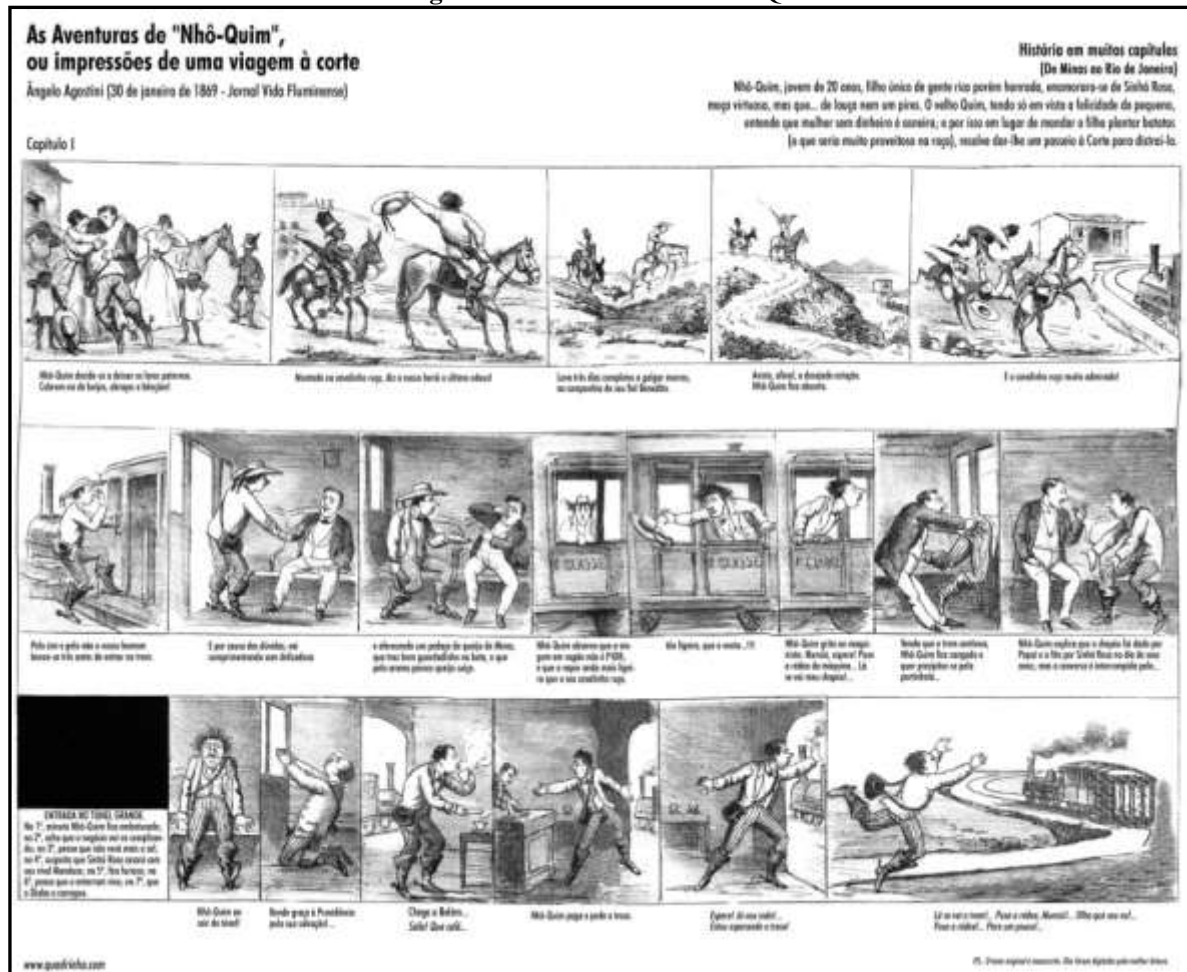
É importante destacar que, no Brasil, foram criadas e publicadas várias histórias em quadrinhos a partir de 1869, muitas delas influenciadas pelas publicações americanas, no sentido de publicar textos e imagens de forma bem humorada, mas com crítica sobre a sociedade do momento. Discutindo a questão da produção de histórias em quadrinhos no Brasil, Vilela (2012) ressalta que:

Na história das HQs no Brasil são vários os exemplos de autores que se dedicaram também a produção de charges, cartuns e caricaturas: J Carlos, Henfil, Ziraldo, Angeli, Laerte, Glauco entre outros. Um desses foi o próprio Ângelo Agostini (1843-1910), considerado o “pai da HQ brasileiro”. Agostini era também conhecido por suas charges políticas que defendia a abolição da escravidão e, em pleno Segundo Reinado, os ideais republicanos. (VILELA, 2012, p.41)

Nota-se, então, que os primeiros quadrinhos brasileiros eram, de certa forma, histórias de humor, mas ao mesmo tempo não deixavam de lado as críticas sociais, econômicas e políticas sobre o cotidiano vivenciado pela sociedade. Assim, no Brasil, os

quadrinhos tornaram-se populares, de acordo com autor Vilela (2012), para leitores de diferentes idades, às vezes contribuindo para reflexão e críticas da sociedade de forma bem humorada. Discutindo a produção das Histórias em quadrinhos no Brasil, Palhares (2008) aponta que a primeira foi, As aventuras de Nhô Quim.

**Imagem 05:** As Aventuras de Nhô Quim



Disponível no site: <<https://www.google.com.br/search?q=as+aventuras+de+nh%C3%B4>>

Esta História foi escrita e desenhada por volta de 1869 pelo autor Ângelo Agostini, cartunista Italiano que se mudou para o Brasil, sendo pioneiro para criação e avanços das histórias em quadrinhos brasileiras. Assim, Palhares (2008) enfatiza que:

Em 30 de janeiro de 1869 surgia então a primeira história em quadrinhos brasileira, era As Aventura de Nhô Quim publicado pela revista Vida Fluminense, do Rio de Janeiro, a história contava, em episódios, as desventuras de um homem simples do interior do Brasil. (PALHARES, 2008, p.7)

Os quadrinhos contam a história de Nhô Quim, um caipira que se muda para a cidade do Rio de Janeiro e que fica assustado com a mistura do rural com o urbano, fato este que fazia parte da sociedade daquele momento. Esta história foi tão importante na história dos quadrinhos brasileiros que, em 1984, foi escolhido o dia 30 de janeiro para ser o "Dia do Quadrinho Nacional", transmitindo tanta importância do seu criador. Observa-se, que o prêmio dado aos melhores cartunistas, pela Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo, tem o nome de Prêmio Agostini.

Outra revista em quadrinhos que ganhou destaque no Brasil segundo Curado (2009) é O Tico Tico, no início do século XX, produzida pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, que tinha como personagem principal Chiquinho. De acordo com Curado (2009), despertou em muitas crianças o prazer pela leitura e influenciara a infância de muitas pessoas no início do século XX. Nesse sentido, Curado (2009) enfatiza que foi:

Na antiga Capital Federal, Rio de Janeiro, surgia numa quarta-feira, 11 de outubro de 1905 a Revista O Tico Tico, ao preço de duzentos réis, fundada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, impressa nas Oficinas Gráficas Pimenta de Mello, na Rua senador Dantas, de propriedade de O Malho, revista esta que surgiu em 1902 e circulou até em 1954, em que trabalhavam nomes e destaque como Raul Pederneiras, Olavo Bilac, Pedro Rebelo e Bastos Tigre. (CURADO, 2009, p. 60)

O modelo seguido pela revista O Tico Tico era, de acordo com Curado (2009), o da revista francesa *La Semaine de Suzette*, personagem que foi publicada pela revista com o nome de Felismina. Assim, foi publicada em dois tipos de papel, com quatro páginas coloridas e as restantes usavam no lugar do preto e branco habitual uma combinação de branco com vermelho, verde ou azul, o personagem mais popular da revista é Chiquinho – um garoto de classe média, um dos primeiros a ter características nacionais brasileiras. Ele foi um dos maiores sucessos na época, suas histórias giravam em torno do personagem que era um garoto traquinas em meio a uma cidade típica da época –, era uma cópia não-autorizada de *Buster Brown*, criado por Richard Felton Outcault. Este fato só veio à tona nos anos 1950, quando o plágio foi denunciado por desenhistas de São Paulo.

**Imagem 04:** O Tico Tico



**Disponível no site:** <[http://primeirossuperheróis.blogspot.com.br/2015/02/a-historia-oculta-da-revista-otico\\_69.html](http://primeirossuperheróis.blogspot.com.br/2015/02/a-historia-oculta-da-revista-otico_69.html)>

Segundo Curado (2009), a revista em quadrinhos O Tico Tico foi fundamental para acelerar o processo de produção de revistas em quadrinhos no Brasil com caráter regional, nota-se então, que os quadrinhos são criados, muitas vezes, a partir da realidade vivida pelo autor. Discutindo a questão da aceitação das revistas em quadrinhos no Brasil pela população, Vilela (2014) enfatiza que se deu forma espontânea e que:

Entre as poucas tentativas existentes no mercado brasileiros de utilizar a linguagem das histórias em quadrinhos no ensino ou na divulgação da História merece destaque a série Redescobrimo o Brasil, lançada pela editora Brasiliense, que contou com dois volumes: Da Colônia ao Império: Um Brasil pra inglês ver latifundiário nenhum botar defeito, ilustrado pelo cartunista Miguel Paiva, e Cai o Império: República vou ver Ilustrado pelo cartunista Angeli, ambos escritos por Lilia Moritz Schwarcz, historiadora e professora do departamento de antropologia da USP. (VILELA, 2014, p.105)

Assim, Vilela (2014), nos apresenta que essas obras foram produzidas no início dos anos de 1980. Com interpretação sobre aquele período. Apesar das dificuldades de produção dos quadrinhos no Brasil, Vilela (2014) lembra que foram publicadas várias revistas em quadrinhos que contribuíram para a formação de leitores. Mas, salienta que as histórias em quadrinhos brasileiras e estadunidenses tiveram uma repercussão negativa, ou seja, vários intelectuais, educadores, acadêmicos, autoridades religiosas e políticos diziam que os quadrinhos poderiam influenciar negativamente as crianças. Ou seja, devido ao medo que as crianças e jovens fosse influenciado por esses super-heróis, por exemplo, o personagem Homem Aranha sai pulando de prédios em prédios.



Mas, enfatiza-se que os quadrinhos no Brasil costumavam representar os personagens heroicos, mas o cotidiano dos acontecimentos sociais e políticos. Nesse aspecto, Vilela (2012) enfatiza que: “[...] fenômeno semelhante também ocorreu no Brasil durante as décadas de 1930 e de 1940 com os sucessos de vendas das publicações lançadas pelas empresas de Roberto Marinho e Adolfo Aizen, então ferrenhos concorrentes”. (VILELA, 2012, p.78). Salienta-se que os quadrinhos se tornaram uma produção massiva brasileira, devido à expansão dos quadrinhos norte-americanos e que estava presente na construção intelectual das crianças.

Por isso, os professores, religiosos, intelectuais e políticas criaram vários mecanismos para denegrir a produção e a divulgação de histórias em quadrinhos em diversos países, entre eles o Brasil. Mas, outro exemplo que podemos demonstrar que, após a Segunda Guerra Mundial, com a criação do livro do Dr. *Wertham*, os Estados Unidos e várias regiões do mundo sofreram muito com a censura em relação à produção e à divulgação dos quadrinhos. Assim, Vergueiro (2014) nos apresenta a desvalorização dos quadrinhos:

Em diversos lugares do mundo – França, Itália, Grã-Bretanha, Alemanha, e Brasil, por exemplo – também explodiram críticas aos quadrinhos, com motivação bastante semelhante (ainda que não tão agressiva) à verificada nos Estados Unidos. Em praticamente todos os países nos quais os quadrinhos eram editados, manifestações contrárias partiram de representantes do mundo cultural, educativo e científico. (VERGUEIRO, 2014, p.13-14)

Mas, mesmo assim, vários países criaram mecanismos para continuar e estimular a produção cultural dos quadrinhos, só que com restrições estabelecidas pelo o Código de Ética dos quadrinhos, que fazia a verificação dos conteúdos antes de conseguir a autorização para circulação das mesmas. No Brasil, por exemplo, de acordo com Vilela (2012), o político Carlos Lacerda, por volta de 1946, dificultou a expansão dos quadrinhos no Brasil, pois criticou, através de discursos, que a leitura dos quadrinhos poderia influenciar as crianças brasileiras, levando-as a perder a ética e moral, ou seja:

Lacerda e outros políticos atacavam as HQS com fim de atingir Roberto Marinho, que era proprietário do jornal O Globo e também da RGE<sup>4</sup>, editora que publicava alguma da revista em quadrinhos mais populares entre as crianças brasileiras daquela época. (VILELA, 2012, p.81)

Entende-se, então, de acordo com Vilela (2012), que Carlos Lacerda acreditava que esses meios de informação podiam manipular a formação moral e ética das crianças

---

RGE<sup>4</sup> Rio gráfica editora.



brasileiras, pois esse veículo de comunicações estava se expandido no Brasil. Mas, Vilela (2012) mostra que o jornalista foi “oportunista” (VILELA, 2012, p 83) no seu discurso, pois o seu ataque seria mais político, como uma forma de atacar a concorrência e denegrir a imagem da editoria, utilizando as ideias do Dr. *Wertham*. Nesse sentido, o que pode-se perceber que no Brasil foi mais ataque político do que às ideias do livro do Dr. *Wertham*.

Diante dessa situação, no Brasil, a partir de 1970, foram desenvolvidos quadrinhos que se enquadravam dentro dos novos padrões da época, entre eles a de Maurício de Souza. Nesse contexto, Palhares (2008) nos lembra que “[...] atualmente os mais famosos produtores de histórias em quadrinhos, para um público infantil, no Brasil são Maurício de Sousa com a turma da Mônica e Ziraldo com a Turma do Pererê e o Menino Maluquinho”. (PALHARES, 2008, p. 9).

Mauricio de Sousa começou a desenhar histórias em quadrinhos em 1959, quando uma história do Bidu, sua primeira personagem, foi aprovada pelo jornal A Folha da Manhã. As tiras em quadrinhos com o cãozinho Bidu e seu dono, Franjinha, deram origem ao Cebolinha da turma da Mônica lançada em 1970.

**Imagem 06:** Turma da Mônica

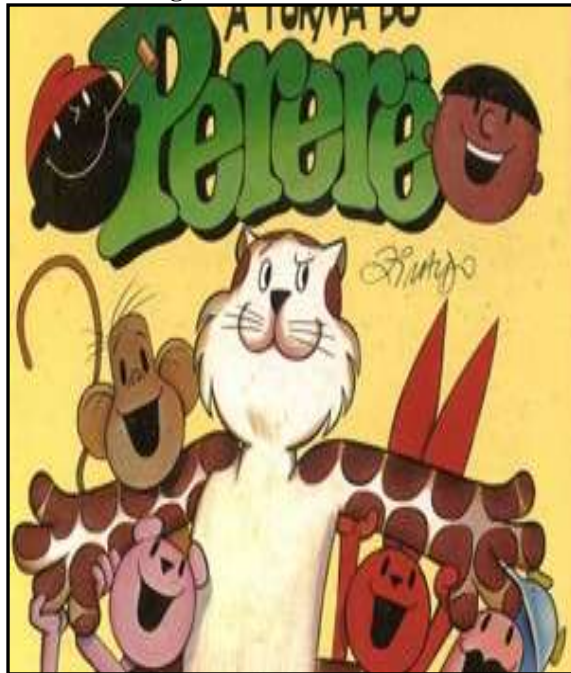


**Disponível no site:** <<https://www.google.com.br/search?q=Imagem+da+revista+da+monica+de+1970>>

Já Ziraldo, em 1954 começou a trabalhar no *Jornal A Folha de Minas*, com uma página de humor. Esse mesmo jornal publicou, em 1939, o seu primeiro desenho. Contudo,

foi *A Turma do Pererê* publicada em 1960 que marcou época na trajetória das histórias em quadrinhos no Brasil. Em 1964, com a tomada do poder pelos militares, a revista não foi mais publicada.

**Imagem07:** A Turma do Pererê



**Disponível no site:** <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2016/03/turma-do-perere-de-ziraldo-faz-temporada-de-exposicoes-no-recife.html>>

Em 1980, Ziraldo recebeu sua maior consagração como autor infantil, na Bienal do Livro de São Paulo, com o lançamento de *O Menino Maluquinho* que apresenta histórias e invenções de uma criança alegre e sapeca, "maluquinho". Esse livro se transformou no maior sucesso editorial da feira e ganhou o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em São Paulo e o Menino Maluquinho virou símbolo do menino nacional.

Imagem 08: O menino Maluquinho



**Disponível no site:** <[https://www.google.com.br/search?q=imagem+ da+revista +O +Menino+Maluquinho](https://www.google.com.br/search?q=imagem+da+revista+O+Menino+Maluquinho)>

O “Menino Maluquinho”, um garoto inteligente, feliz, esperto e sorridente, aos poucos foi conquistando o público brasileiro, posteriormente, tornou-se uma figura nacional, devido ao fato de sua história ser próxima ao público. Nesse sentido, o Menino Maluquinho fez tanto sucesso que saiu da revista em quadrinhos e transformou-se em filme e 1995. Recorrente a isso, deve ser lembrada é que com a chegada da *Internet*, o avanço da televisão possibilitou o crescimento das revistas em quadrinhos, pois algumas delas se transformaram em desenhos animados e filmes. Para Vilela (2012), “[...] a confusão entre HQ’s e desenhos animados também se dá porque é comum encontramos personagens criados originalmente para uma dessas duas mídias sendo adaptados para a outra e vice-versa” (VILELA, 2012, p.42). Sendo assim, os quadrinhos saíram do papel para a mídia digital, fazendo com que se aumenta o interesse em conhecer esses personagens.

Nota-se que a história das revistas em quadrinhos no Brasil possui características de apresentar personagens brasileiros e questões sociais, culturais, econômicas e políticos do país. Ou seja, as produções brasileiras procuram mostrar aspectos do cotidiano nacional. Nesse sentido, a partir da leitura e análise de histórias em quadrinhos, pode-se compreender alguns aspectos da História do Brasil e, nesse sentido, no próximo capítulo, será discutida a utilização das histórias em quadrinhos para o ensino de História.

### 3 HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: Avanços e Desafios

O presente capítulo tem como objetivo discutir os avanços e desafios em relação ao ensino de História e a utilização da História em Quadrinhos como recurso didático, pois, entende-se que essa questão é importante, pois o objetivo da pesquisa será discutir a utilização da Revista *Doca e Lucas* (2008) do autor Lindomar Gomes de Avelar, como recurso didático para o processo ensino aprendizagem da História de Goiás. Por isso, é importante reconhecer as suas peculiaridades no ensino/aprendizagem de História.

No século XXI, o que predomina são as novas linguagens, mas o professor tem um papel fundamental no sentido de utilizar esses novos recursos como instrumento/recurso para o processo de ensino e aprendizagem, isto é, essas novas metodologias podem ser utilizadas para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem do conhecimento Histórico. Assim, o professor de História possui fontes diversificadas para utilizar em sala de aula, mas, para isso é necessário adaptar esses novos métodos, saber como utilizá-los. Nesse sentido, essas novas linguagens podem dinamizar as aulas de História, ou seja, os estudantes atualmente aprendem muito rápido. Assim, as novas metodologias podem facilitar no ensino e aprendizagem de História.

Dessa forma, devem-se levar para sala de aula novas ferramentas para ampliar o conhecimento histórico, mas mediante uma problematização/reflexão sobre o suporte dos documentos, pois existem vários mecanismos para desenvolver na sala de aula. Diante dessa reflexão, Bezerra (2015) nos lembra que:

Faz parte da construção do conhecimento histórico, no âmbito dos procedimentos que lhe são próprios, a ampliação do conceito de fontes históricas, que podem ser trabalhadas pelos alunos: documentos oficiais, textos de época e atuais, mapas, ilustrações, gravuras, imagens de heróis de história em quadrinhos, poemas, letras de música, literatura, manifesto, relatos de viajantes, panfletos, caricaturas, pinturas, fotos, rádio, televisão etc. (BEZERRA, 2015, p.42-43)

Nesse sentido, a autora nos lembra que existe uma diversidade de documentos, mas os historiadores podem classificar essas fontes em dois modelos: fontes primárias que são ações em que uma pessoa estava presente no processo histórico como, por exemplo, documentos oficiais, fotos, cartas e etc. E secundárias que são artefatos utilizados para reconstrução do passado como, por exemplo, o livro didático, um filme, o texto de um historiador e a história em quadrinhos, que será o objeto da presente pesquisa. Os quadrinhos

podem ajudar no processo de (re) discussão de um acontecimento histórico. Por isso, é importante que essas práticas sejam desenvolvidas de forma que alunos tomem gosto pelas aulas e que esse conhecimento seja colocado em prática no seu cotidiano.

Dessa forma, a proposta dessa pesquisa será discutir a utilização das histórias em quadrinhos Doca e Lucas (2008) como ferramenta pedagógica para estimular o interesse dos alunos pelo ensino aprendizagem da disciplina de História de Goiás. Nesse contexto, essa representação histórica pode auxiliar o professor e os alunos na compreensão do contexto histórico. Assim, o professor/historiador tem que mostrar aos discentes que existem métodos para analisar nas entrelinhas, ou seja, o professor vai mostrar o caminho para realizar uma leitura crítica de um documento histórico.

Outro aspecto que Vilela (2014) levanta é que não seja planejada uma aula somente para despertar o interesse dos alunos, mas que deve-se, também, problematizar essas novas linguagens para demonstrar as várias possibilidades de conhecimento.

Podem servir como rico ponto de partida para discutir temas, conceitos e aspectos importantes, sempre atuais: o eixo dominação-resistência, o direito de autonomia dos povos, o conceito de etnocentrismo, o julgamento de outras culturas pelos valores e ótica da cultura do observador, as ideias de convivência pacífica entre os povos, o respeito à diversidade cultural, o respeito à diferença. (VILELA, 2014, p.112)

Por isso, os quadrinhos são instrumentos importantes para compreender alguns aspectos políticos, sociais e econômicos, sendo assim, é um recurso pedagógico para realizar uma investigação, ou seja, essas narrativas procuram passar uma representação de um contexto histórico, nesse sentido, os quadrinhos representam uma realidade e por isso podem ser utilizados como recurso para se ensinar/aprender História.

Mas, pode ser um desafio a utilização desse recurso para os professores, pois, muitos não sabem como utilizar as novas linguagens como recursos didáticos e alguns ainda estão presos às aulas tradicionais. E, mais, na maioria das escolas públicas, o único recurso é o quadro-negro, mas os profissionais da educação precisam buscar/encontrar meios para diversificarem suas aulas para melhorar o ensino.

O ensino no Brasil, atualmente passa por vários desafios e os governantes ainda dificultam o trabalho desenvolvido pelas escolas, pois muitos deles procuraram criar programas para atingir metas ou medir a capacidade dos alunos ao invés de criar medidas para melhorar o ensino. Por exemplo, alguns programas do governo que são o Índice de

Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Vestibular são programas em que o professor atual tem que preparar os alunos para “conseguir” um alto desempenho, e na maioria das instituições escolares é “obrigado” a passar os discentes, se não são cortados recursos. Por isso, essas mudanças causaram uma crise no sistema educacional. Nesse sentido Theodoro (2015) enfatiza que:

Estamos assistindo, na sociedade moderna, à crise dos modelos: a crise do modelo de Estado, do emprego, da família, enfim, a crise do homem moderno. Diante de tantos desafios o nosso papel, enquanto educadores, é auxiliar os jovens a compreender melhor esse mundo repleto de tantas variáveis. (THEODORO, 2015, p.50-51)

Dessa forma, são várias dificuldades enfrentadas no processo educacional e uma delas são as salas de aulas lotadas, desvalorização da carreira do docente, excesso de carga horária e currículo direcionado apenas para formação de trabalhadores e não para o conhecimento. Por isso, é notável que inúmeros alunos sejam analfabetos funcionais e, dessa forma, a aprendizagem é tratada com descaso e muitos estudantes das escolas públicas, não têm as mesmas oportunidades que aqueles das escolas particulares. Assim, recorrente a esse, assunto Schmidt (2015) nos apresenta que:

Um grande conjunto de variáveis pode ser responsabilizados pelo relativo insucesso da renovação do ensino de História, destacando-se, principalmente, o descaso a que vem sendo submetido a educação brasileira por parte de autoridades governamentais. Na verdade, podemos afirmar que o quadro-negro ainda persiste na educação brasileira, muitas vezes como único recurso na formação do professor e no cotidiano da sala de aula. E é nesse contexto que podemos falar do significado da formação do professor e do cotidiano da sala de aula, do seu dilaceramento, embate e fazer histórico. (SCHMIDT, 2015, p.55)

Nesse sentido, nem todos têm a oportunidade de ter uma escola de qualidade, mas o papel do professor/Historiador é fundamental para lutar contra o sistema ou para buscar novas fórmulas para fomentar uma educação de qualidade, ou seja, buscar criar novas metodologias para mostrar para os alunos que a educação é o melhor caminho.

Por isso, os quadrinhos é uma sugestão para desenvolver uma aula diferenciada e levar os alunos a enxergarem o ensino de História a partir de outros pontos-de-vista. Lembrando que o uso dos quadrinhos no ensino de História foi aceito a partir de 1990 com a criação da comissão da Lei nº9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)

que começou a ser aprovado nos livros didáticos. Nesse aspecto, Vergueiro (2014) afirma que:

Atualmente, é muito comum a publicação de livros didáticos, em praticamente todas as áreas, que fazem farta utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de seu conteúdo. No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções. (VERGUEIRO, 2014, p.20)

Na década de 1990 foi criado o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que tem segundo, Vergueiro (2014), o objetivo promover o acesso e o incentivo a leitura de obras literárias nas escolas. Nesse sentido, o professor/historiador pode levar os alunos à biblioteca da escola para realizar pesquisa sobre essas obras, possibilitando assim, uma aula diferenciada incentivando a leitura e prática de pesquisa. Assim, o ensino de História torna-se mais interessante para os alunos que tiverem a oportunidade de conhecer as novas linguagens.

Sendo assim, os quadrinhos são instrumentos que podem favorecer o ensino e aprendizagem de História por ser um veículo de comunicação em que os alunos podem ter conhecimento dessas revistas em quadrinhos. Nesse contexto, nos livros didáticos já é notável a existência de quadrinhos, como nos lembra Vergueiro (2014) que: “[...] a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em matérias didáticas começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito (VERGUEIRO, 2014, p.20). Assim, as histórias em quadrinhos foram ganhando espaço no ensino de História e são fundamentais para chamar atenção dos alunos, pois, talvez a imagem pode auxiliar no ensino-aprendizagem.

Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nos apresenta que o ensino de História a partir de 1990 teve uma reformulação para adotar as novas tecnologias no ensino de História, ou seja, qualquer objeto poderia ser levado para sala de aula, desde que seja problematizado e que mostre a sua importância cultural para os alunos. Em outras palavras, que tudo pode tornar conhecimento histórico. Assim, as histórias em quadrinhos tiveram a oportunidade de serem desenvolvidas na sala de aula, mas sabe-se que os quadrinhos já sofreram, como enfatizado no primeiro capítulo desse estudo, censura e não aceitos na formação de leitores.

Nesse sentido, Neto (2009) nos revela que os professores/historiadores são estimulados a utilizar essas novas linguagens no ensino-aprendizagem de História, ou seja,

sair do método tradicional para ampliar a construção dos conhecimentos históricos para chamar atenção dos alunos e mostrar o papel da disciplina de História. Diante dessa reflexão, Neto (2009) enfatiza que essa discussão teve início:

Nos anos de 1980 e início dos anos 1990, as propostas curriculares e o ensino de História sofreram forte influências dos debates historiográficos e pedagógicos e das mudanças paradigmáticas no âmbito da História. Os PCNs questionam os métodos e as concepções concebidos como tradicionais e afirmam que os estudos no campo da produção do conhecimento histórico, nas últimas décadas, têm proporcionado novos olhares aos historiadores, professores e alunos. (NETO, 2009, p.8)

Por isso, para atender o novo perfil dos estudantes o ensino de História passou por uma reformulação para adaptar as novas linguagem e tecnologias para trazer os alunos para o mundo do conhecimento histórico. Assim, a História ensinada tornou-se interessante e mostrou novos métodos para levar para sala de aula, isto é, novas propostas para pensar e fazer reflexão sobre o objeto de estudo. Mas, é bom lembrar que muitas escolas ou professores têm dificuldades de acompanhar as novas tecnologias, como menciona Bittencourt (2015):

A escola sofre e continua sofrendo, cada vez mais, a concorrência da mídia, com gerações de alunos, formados por uma gama de informações obtidas por intermédio de sistemas de comunicação audiovisuais, por um repertório de dados obtidos por imagens e sons, com formas de transmissão diferentes das que têm sido realizadas pelo professor que se comunica pela oralidade, lousa, giz, cadernos, e livros, nas salas de aulas. (BITTENCOURT, 2015, p.14)

Assim, desenvolver aulas a partir da realidade dos alunos torna o ensino de História mais significativo, pois a maioria dos discentes não entendem a importância de estudar História. Talvez, essas novas metodologias podem mostrar novos caminhos. Assim, os quadrinhos são veículos de comunicação que estão presentes nos jornais impressos, revistas e televisão, por isso os alunos podem ter familiaridade com esse tipo de linguagem.

Mas, o livro didático de História poderia ser mais flexível para o professor/historiador, pois muitas vezes traz conteúdos distantes da realidade dos alunos, ou seja, os livros didáticos de História deveriam ser feitos por regiões, por exemplo, no Estado de Goiás deve-se contar a História de Goiás, mas ao contrário não possuem nenhum conteúdo de Goiás.

Por isso, o objetivo de discutir uma nova metodologia de se estudar História de Goiás com uma aula diferenciada, mas é importante ressaltar que cada professor é responsável



por planejar sua dinâmica para desenvolver a sua aula diferenciada. Nesse sentido, Schmidt (2015) lembra que:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vastos de outros problemas procurando transformar, em cada aula de História, temas problemáticos. (SCHMIDT, 2015, p.57)

Dessa forma, o professor busca ensinar o seu aluno a fazer uma reflexão como sujeito histórico que faz parte do processo da construção do conhecimento histórico, sendo assim, os alunos vão querer participar mais das aulas de História. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos são recursos didáticos que proporcionam vários aspectos que podem ser desenvolvidos na sala de aula e os estudantes vão ser estimulados a compreender as várias versões da História.

Assim, ensinar História atualmente é um desafio, pois umas das perguntas mais frequentes ouvidas no decorrer do PIBID foi “Por que estudar história? Por que estudar o passado que está morto! Quem vive de passado é museu”. Nesse interesse, recorre-se à leitura de Bittencourt (2015), pois, esta autora levanta algumas questões significativas:

Um primeiro desafio para quem ensina História parece se a explicitação da razão de ser da disciplina, buscando atender aos anseios de jovens arditosamente fazem perguntas aparentemente inocentes, como “Por que estudar História? Por que o passado, se o importante é o presente?”.( BITTENCOURT, 2015, p11)

Por isso, ampliar as fontes históricas e mostrar aos alunos a importância da disciplina de História possibilitando aos discentes a oportunidade de observar, de argumentar, de conhecer o passado para entender o presente é necessário para a formação de um ser pensante e crítico.

Mas, o professor de História de alguma forma tem que acompanhar a essas novas linguagens e tecnologias no ensino de História para fazer uma transformação dos conteúdos científicos em saberes escolares, ou seja, mostrar aos alunos novos recursos para ensinar e aprender História. Além disso, essas inovações podem trazer os alunos para o mundo do conhecimento histórico. Essas novas estratégias de ensino de História são fundamentais. Por isso, a formação de professor deve ser continuada para prepará-los para os novos desafios que surgem com o avanço da tecnologia. Para Schmidt (2015).

No que se refere ao fazer histórico e ao fazer pedagógico, um desafio se destaca dos enfrentados pelos educadores na sala de aula, e pode ser lembrado como necessário à formação do professor de História: realizar a transposição didática dos conteúdos e do procedimento histórico e também da relação entre as inovações tecnológicas e o ensino de História. (SCHMIDT, 2015, p.58)

Diante dessa reflexão, devem-se apresentar aos alunos as novas práticas tecnológicas e, nesse sentido, as novas propostas de atividades pedagógicas podem proporcionar aos alunos possibilidades de melhor compreensão do contexto histórico. Dessa forma, na sala de aula acontece o ensino e a pesquisa, ou seja, os discentes constroem as novas perspectivas de análise dos acontecimentos históricos. Por isso, o professor de História precisa se familiarizar com as histórias em quadrinhos para desenvolver uma aula dinâmica e mostrar aos estudantes as técnicas (visão crítica sobre os fatos) de um historiador para analisar um documento histórico.

Dessa forma, o uso dos quadrinhos no ensino de História não possui rótulos ou bulas. As técnicas ficam por conta do professor/historiador desenvolver no seu método, mas precisa apenas ter um conhecimento sobre as várias peculiaridades em que os quadrinhos contam. Nesse contexto, segundo Vilela (2014), busca-se mecanismos para serem desenvolvidos no âmbito da sala de aula, ou seja:

Devemos entendê-la apenas como mais um recurso pedagógico que, se bem empregado, pode trazer bons resultados. O potencial pedagógico das histórias em quadrinhos é enorme. Mas, assim como o cinema e a literatura ficcional, os quadrinhos são muitas vezes vistos pelo professor de História apenas como suporte de um conteúdo. Eles podem ser mais do que isso. (VILELA, 2014, p.106)

Assim, os quadrinhos com sequências de imagens e textos curtos podem auxiliar nas aulas de História e não se pode ver esse recurso apenas como um suporte pedagógico, ou seja, os quadrinhos possuem um potencial significativo no processo de ensino/aprendizagem de História, desde que o professor/historiador trabalhe esse documento de forma que os alunos entendam o contexto histórico em que esses foram criados.

Nesse sentido, os quadrinhos são recursos essenciais para apresentar aos discentes novas maneiras para o ensino-aprendizagem de História. Mostrar o papel da História relacionado com as histórias em quadrinhos é fundamental para os alunos, pois podem ser um instrumento de leitura espontânea. Assim, o professor de História enfatiza as diversas formas possíveis de observar/analisar os quadrinhos. As aulas de História serão mais produtivas, pois os alunos podem levar esse conhecimento para a sua prática cotidiana, por exemplo, quando

realizar a leitura de um quadrinho nos jornais ou em outros meios de comunicações. Diante disso, Schmidt (2015) nos apresenta que:

Assim, o objetivo é fazer com que o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo de fazer, do construir a História. Que o aluno possa entender que a apropriação do conhecimento é uma atividade em que se retorna ao próprio processo de elaboração do conhecimento. (SCHMIDT, 2015, p.59).

Os alunos terão o privilégio de participar de um processo histórico, no qual os quadrinhos serão uma proposta de relacionar as sequências de imagens com os textos históricos encontrados nos livros didáticos. É por isso que, os quadrinhos enquanto recursos didáticos, podem favorecer a formação de leitores críticos, ou seja, ampliando as fontes históricas os alunos podem ter mais acesso a outros tipos de fontes para entender um cenário histórico.

Dessa forma, os quadrinhos por possuírem uma linguagem mais coloquial, têm a capacidade de incentivar os alunos a participarem das aulas de Histórias, sendo assim, as histórias em quadrinhos como recurso pedagógico tem a possibilidade de desenvolver aspectos de tempo, memória e as várias versões de um fato histórico. Para Vilela (2014):

Esse tipo de sequência pode servir para que os alunos reflitam sobre o conceito de memória. Além disso, uma história em quadrinhos pode mostrar um mesmo fato narrado do ponto de vista de diferentes personagens, o que pode contribuir para que os alunos compreendam mais facilmente a existência de diferentes versões da História, assim como a subjetividade presente nelas. (VILELA, 2014, p.107)

Nesse sentido, os personagens históricos serão fundamentais para contar a História no tempo e espaço, ou seja, comparar esses personagens com os textos históricos pode facilitar a compreensão dos alunos nas aulas de História. Diante disso, as sequências de imagens e textos podem incentivar a leitura dos alunos e, por isso, o professor pode utilizar esse método para problematizar vários aspectos que a História contempla.

Nota-se que as histórias em quadrinhos podem ser desenvolvidas nas de aulas de História, desde que o professor trabalhe com objetivos claros, mostrando aos alunos o processo histórico que os quadrinhos carregam. Por isso, o professor de História busca mecanismos para ampliar a construção do conhecimento histórico e os quadrinhos são instrumentos importantes para serem integrados nas aulas de História. Por isso, nessa pesquisa torna-se necessário apresentar elementos, códigos e linguagens de um quadrinho para que o

pesquisador/professor tenha conhecimento desses elementos. E essa discussão será feita a seguir.

### **3.1 A Linguagem dos Quadrinhos: Elementos e Suas Ações na Sala de Aula**

Os quadrinhos possuem vários elementos que compõem a sua estrutura e é importante que tanto o professor/historiador quanto, os alunos tenham conhecimento para entender a narrativa da história e, nesse aspecto, discutem-se algumas características e elementos que compõem os quadrinhos. É importante problematizar os quadrinhos na sala de aula para que os alunos tenham consciência da importância do conhecimento histórico pensando sobre outros pontos de vista, sendo assim, é importante que os alunos entendam que um fato histórico nos leva a vários questionamentos. Para Schmidt (2015):

A problematização histórica, ao ser transposta para o ensino, traz múltiplas possibilidades e também questionamentos. Pode significar desde a capacidade mais simples de construir uma problemática em relação a um objeto de estudo, a partir das questões postas por historiadores e alunos: pode também significar simples indagações ao objeto de estudo: Por quê?, Como?, Onde?, Quando?.(SCHMIDT, 2015, p.60).

Desse modo, vamos apresentar para os alunos as técnicas de um historiador para interpretar um documento histórico. Assim, o professor/historiador estará indicando passo a passo para conhecer os elementos que os quadrinhos carregam nas entrelinhas. Além disso, serão apresentados os valores da profissão de um historiador e talvez mostrando a importância do professor-pesquisador na sociedade os alunos vão querer participar mais das aulas de História.

Assim, os quadrinhos possuem linguagens em códigos e devemos ter conhecimentos desses elementos para percebermos o que a história dos quadrinhos quer nos passar. Nesse contexto, a maioria das histórias em quadrinhos tem características no formato quadrado que contêm personagens para contar a História, mas existem duas possibilidades que podemos encontrar em um quadrinho que é a comunicação visual e verbal, que Vergueiro (2014) nos afirmar que:

Em primeiro lugar, nota-se que as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantido que a mensagem seja entendida em plenitude. Alguns elementos da mensagem são passados exclusivamente pelo texto, outros têm linguagem pictórica a sua fonte de transmissão. (VERGUEIRO, 2014, p.31).

Dessa forma, em algumas histórias em quadrinhos, só encontramos a comunicação visual em que os semblantes dos personagens nos apresentam a História, em outras ocasiões encontradas a combinação da imagem e textos escritos em balões de diferentes formas, que esses detalhes podem ajudar muito para compreender a História. Por isso, nos quadrinhos existem várias linguagens e qualquer detalhe de um balão, a face do personagem ou modo das sequências dos quadros de imagens e texto sempre têm algo a nos apresentar e são nesses detalhes que conhecemos o que os quadrinhos querem nos dizer.

Dessa maneira, o professor de História precisa instruir seus alunos para perceberem esses detalhes e realizar uma leitura/interpretação de qualidade, ou seja, levar os discentes a compreenderem que os quadrinhos proporcionam vários elementos e a partir de então fazer uma análise/reflexão sobre os aspectos sociais, econômicos e políticos do mesmo. Nesse contexto, existem várias possibilidades de utilizar os quadrinhos na sala de aula, pois o professor de História pode propor a realização de leitura, interpretação e, a partir daí, a elaboração de quadrinhos pelos próprios alunos. O professor incentiva a pesquisa de textos históricos e, ao mesmo tempo, serão produzidos quadrinhos confeccionados pelos alunos. Sobre esse assunto Vilela (2014) nos afirma que:

Ao se utilizar histórias em quadrinhos no ensino de História, é também interessante que os professores procurem propor e desenvolver diferentes tipos de atividades em sala de aula. Além de questões dissertativas e outras atividades envolvendo a leitura, interpretação e discussão de quadrinhos, o professor pode também estimular a produção de histórias em quadrinhos pelos próprios alunos. (VILELA, 2014, p.128).

Por isso, os quadrinhos podem ser mais do que um suporte para os professores de História, ou seja, pode-se desenvolver várias práticas para estimular a criatividade dos alunos. A construção dos HQs pelos alunos possibilitará a oportunidade para pensar e refletir questões relacionadas a diferentes espaços e tempos, pois para tal atividade os discentes precisarão realizar pesquisas, usar a criatividade, a curiosidade e, isso possibilita o desenvolvimento de novas habilidades. Dessa forma, não existem fórmulas prontas para utilização dos quadrinhos no âmbito da sala de aula, como enfatiza Vergueiro (2014):

Não existem regras. No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como forma lúdica no tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. (VERGUEIRO, 2014, p.26).

Dessa forma, os quadrinhos são veículos de comunicação lúdica e, ao mesmo, têm um papel importante para introduzir ou mesmo rediscutir temáticas diversas, lembrando que, muitos alunos, não gostam de História, ou seja, essa disciplina, muitas vezes é vista por eles como “chata” por conter conteúdos de “difícil compreensão”, distante da realidade vivida pelos discentes. Essas observações dos alunos mostram que o professor/historiador precisa inovar e isso pode ser feito a partir das novas metodologias e, entre elas, o uso dos quadrinhos que pode contribuir para que os discentes possam entender a disciplina de História de forma diferente.

Nesse sentido, os quadrinhos são instrumentos para desenvolver uma aula que chama a atenção dos alunos, pois reúne vários elementos de comunicação que transmitem valores, conceitos e práticas do cotidiano de certo período da História. O uso das histórias em quadrinhos na sala de aula pode ser um meio de apresentar aos estudantes novos sentidos de estudar História e mostrar as várias versões de um fato histórico. Assim, Schmidt (2015) enfatiza que:

Ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História. O aluno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom – comumente ouvimos os alunos afirmarem: “eu não dou para aprender História” –, nem mesmo como uma mercadoria que se compra bem ou mal. (SCHMIDT, 2015, p.57).

O uso dos quadrinhos como prática pedagógica pode proporcionar aos alunos outra visão sobre a disciplina de História e, também, sobre a própria História. Os quadrinhos podem contribuir para novos caminhos para o ensino de História e estes podem ser trabalhados em parceria de outras áreas do conhecimento, ou seja, a interdisciplinaridade como ressalta Vilela (2014):

Esse tipo de atividade, além de permitir a interdisciplinaridade da História, Língua Portuguesa e Artes, pode estimular os estudantes a desenvolverem a competência de representar e comunicar (comunicação escrita, gráfica e pictórica). E também a habilidade de trabalhar em dupla: um aluno pode elaborar o roteiro da história em quadrinhos e outro, desenhá-la; ou em equipe: um pode escrever, outro fazer o desenho a lápis a passar para outro finalizar os desenhos com nanquim ou canetinha preta; e outros podem ainda se incumbir dos balões, das letras e de colorir. (VILELA, 2014, p.128)

O trabalho com os quadrinhos envolve muitos alunos e essa prática faz com que socializem seus conhecimentos com colegas de sala de aula e a criação de novos quadrinhos pelos alunos em parceria, por exemplo, com professores de Língua Portuguesa, Arte e, esse trabalho pode ser feito em grupos de alunos. Entende-se que o trabalho em grupo possa estimular a distribuição de tarefas, o interesse, a criatividade e a responsabilidade de cada discente. Mas, é importante lembrar que o professor tem um papel fundamental para apresentar os procedimentos de realizar a leitura e a pesquisa desse objeto.

O professor de História pode, também, incentivar os alunos a levarem para a sala de aula revistas em quadrinhos e propor que os mesmos leiam e analisem esse material já que, segundo Vergueiro (2014), quadrinhos são veículos de “comunicação em massa”, os discentes podem ter acesso a tirinhas publicadas em jornais. É importante lembrar que essas tirinhas podem ser utilizadas para discutir diversos assuntos como, por exemplo, aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos de uma sociedade e que faz parte do cotidiano do aluno. Com isso, é possível que os discentes percebam que a disciplina de História é importante para compreender o presente, a realidade vivida e para formação de um sujeito crítico e participativo na sociedade.

Nesse sentido, o professor pode utilizar esse método para que os alunos tenham a oportunidade de trazer os quadrinhos de casa e ainda aumentar acervo dos quadrinhos na sala de aula, e assim apresentar uma diversidade de matérias que podem ser desenvolvidas. Discutindo esse assunto Vergueiro (2014) afirma que:

De uma maneira geral, é possível afirmar que todas as pessoas têm o costume de partilhar suas revistas de quadrinhos, emprestando-as para amigos e familiares, e não oferecem muita resistência quanto a cedê-las para utilização por professores e alunos. Assim, com relativa facilidade, pode os próprios estudantes se encarregar de obter as revistas junto a amigos ou familiares, auxiliando os professores na manutenção de um acervo útil para suas atividades de ensino. (VERGUEIRO, 2014, p.25)

Essa prática pode contribuir para melhorar o ensino/aprendizagem de História, ou seja, os quadrinhos são instrumentos que devem ser problematizados na sala de aula. Porém,

segundo Vergueiro (2014), o professor deve atentar-se para seus códigos e elementos como, por exemplo, as linguagens visuais, planos e ângulos de visão, montagens, que são os protagonistas e personagens secundários, as figuras cinéticas e metáforas visuais, a linguagem verbal, os balões entre outros elementos. Nesse sentido, os alunos entrarão em contato com um documento histórico e de acordo com Schmidt (2015):

Finalmente, um dos elementos considerados hoje imprescindíveis ao procedimento histórico em sala de aula é, sem dúvida, o trabalho com as fontes ou documentos. A ampliação da noção de documento e as transformações na sua própria concepção diretamente o trabalho pedagógico. (SCHMIDT, 2015, p.61)

Desse modo, os professores de História, que ampliam o uso das fontes históricas dentro sala de aula, podem conseguir maior aproveitamento dos alunos nas aulas de História. O ensino-aprendizagem de História com o uso de documentos/fontes relacionados com os textos do livro didático pode facilitar a compressão dos conteúdos e os quadrinhos, ao serem utilizados como fontes/documentos, podem ter um papel importante nesse processo.

Mas, é importante ressaltar, mais uma vez, que estes não devem ser utilizados apenas como ilustração e preciso realizar um planejamento para que o trabalho apresente resultados. Os alunos podem desenvolver pesquisa para descobrir a origem da fonte ou até mesmo na criação de um quadrinho devem ser explorados conteúdos dos momentos históricos sobre o qual eles vão desenvolver, sendo assim, é importante que o professor/historiador aponte os caminhos para desenvolver o trabalho. Nesse caso, o professor de História apresenta aos alunos que a pesquisa é fundamental para a construção da aprendizagem, mas de acordo com Vilela (2014):

No entanto, para que não se perca de vista a especificidade da disciplina de História, deve-se propor a criação de história em quadrinhos que explorem os conteúdos específicos da disciplina ou pertinentes ao assunto da aula. Por exemplo, pode-se propor que os alunos adaptem um texto historiográfico ou um documento de época para forma de uma história em quadrinhos. Outra possibilidade é que cada grupo desenvolva uma história contada de um ponto de vista diferente. (VILELA, 2014, p.128).

Nesse contexto, os alunos podem analisar e construir quadrinhos a partir de diferentes visões da História. Por isso, os quadrinhos e um documento histórico importante para manifestar alguns processos históricos e, esse material utilizado em sala de aula poderá proporcionar resultados positivos no processo de ensino/aprendizagem, se for bem utilizado pelos professores, caso contrário, será apenas mais uma prática pedagógica para passar o tempo de uma aula.



Nesse sentido, Vergueiro (2014) enfatiza que existem várias maneiras para que os quadrinhos sejam utilizados na sala de aula. Essa prática pedagógica pode ser desenvolvida utilizando diferentes revistas ou tirinhas, como mencionado anteriormente, ou apenas uma exposição no *Data show*, pois os discentes terão oportunidade de acompanhar passo a passo a discussão do professor/historiador, ou seja:

Para utilização em ambiente didático, não é essencial que as histórias em quadrinhos sejam obtidas em primeira mão. Elas podem ser adquiridas em sebos ou lojas que comercializam materiais usados, ou mesmo recortados de jornais antigos, a um custo praticamente insignificante. Ainda que a possibilidade de exibição de quadrinhos por meio de projetores de slides ou Data shows ajude a atingir os estudantes de forma mais intensa, direta e coletiva, contribuindo para um resultado mais eficiente, isto não é absolutamente essencial para sua utilização. (VERGUEIRO, 2014, p.26)

Através dos recursos digitais, podem-se socializar os quadrinhos para que maiores quantidades de alunos tenham acesso aos mesmos. Por isso, o professor/historiador pode discutir os elementos, códigos e a linguagens (visual e verbal) para realizar reflexões com os alunos, ou seja, com a participação, dos estudantes discutirem passo a passo sobre a importância de conhecer os elementos que os quadrinhos trazem nas entrelinhas para conseguir compreender o processo histórico.

Nota-se que os quadrinhos, como instrumento pedagógico, pode ser um ponto de partida interessante para realizar várias reflexões, pois contêm narrativas visuais e verbais que ajudam na construção dos conhecimentos históricos. Por isso, pensando o uso de histórias em quadrinhos, como recurso didático para as aulas de História, a seguir será discutida/analisa a utilização os quadrinhos *Doca e Lucas* (2008), do autor Lindomar Gomes de Avelar, como recurso didático para o ensino/aprendizagem de História de Goiás, para o Ensino Fundamental II.

#### 4. DOCA E LUCAS NA SALA DE AULA: Vamos Estudar a História de Goiás

Como discutido nos capítulos anteriores, os quadrinhos possuem vários elementos<sup>5</sup> que compõem a sua estrutura. É importante que os professores e os alunos tenham conhecimento da dinâmica dos quadrinhos. Nesse sentido, o objetivo desse capítulo é discutir a linguagem dos quadrinhos, os elementos, suas ações e a utilização da revista em quadrinhos Doca e Lucas no processo ensino/aprendizagem da História de Goiás.

##### 4.1 Conhecendo Goiás com Doca & Lucas

A revista em quadrinhos de “Doca & Lucas - Anhanguera o povoador de Goiás” foi criada pelo autor e caricaturista Lindomar Gomes de Avelar, em 1987, em Goianésia- GO, mas a primeira edição da revista foi lançada em 2008, quando começou a trabalhar em uma gráfica, tornou-se desenhista e arte finalista e esse momento “foi à mola propulsora” (AVELAR, 2008, p. 34) para o lançamento da revista. Avelar é formado em História pela Universidade Estadual de Goiás/Campus Goianésia e queria divulgar a História de Goiás utilizando os quadrinhos para chamar a atenção de todos os públicos.

O objetivo do autor seria ter lançado antes as suas revistas no mercado, quando criou os personagens Doca e Lucas em 1987. Porém, devido à falta de recursos financeiros não teve condição. Avelar (2008) menciona que chegou até a procurar jornais para editar e publicar tiras diárias, mas não teve sucesso. E, talvez seja por isso, que é difícil encontrar revista em quadrinhos falando sobre a História de Goiás, pois faltam políticas públicas e até mesmo pessoas dispostas a realizarem investimento nessa área. E os quadrinhos são veículos de comunicação que podem divulgar o que Goiás tem de melhor. Então, Avelar foi roteirista, desenhista, ou seja, o responsável pela construção da história e pela criação dos personagens.

Nesse sentido, outro fato destacado é que a revista de Avelar (2008) tem os traços diferentes das revistas em quadrinhos da Marvel e DC, por exemplo, pois as revista da Marvel e DC seriam quadrinhos comercial/globalizado, devido à existência de investidores para realização do o processo de elaboração/construção das revistas. Os quadrinhos do Avelar (2008) têm um público específico/regional de Goiás, ou seja, o quadrinho desse autor por ser criação própria não teria investidores e *marketing* para que suas revistas tornem-se

---

<sup>5</sup> Sobre esses elementos Vergueiro (2014) apresenta que os professores e alunos precisam ficar atento sobre, os contornos dos balões, linhas contínuas, linhas interrompidas, ziguezagueada, sinais de pontuações e o emprego da onomatopeia.

comerciais/globalizadas. Mas, isso não significa que as revista de Avelar (2008) não seja de qualidade, enquanto conteúdo e imagens, mas não possuem os mesmo recursos técnicos e investimentos que a Marvel utiliza.

A Revista começa contando a história de uma viagem feita para Goiânia do tio Doca, o fusca pequi e sobrinho Lucas que tinham muita curiosidade em conhecer a História de Goiás. Durante a viagem, Lucas, um garoto muito curioso, faz várias perguntas ao tio Doca como, por exemplo, se Goiânia sempre foi a capital do Estado de Goiás. Tio Doca responde que não e, para entender bem, “[...] vou começar essa História desde o começo, envolve índios, floresta, rios e Bandeirantes!” (AVELAR, 2008, p. 06).

Ao entrar na cidade, o tio aponta ao sobrinho a imagem de Bartolomeu Bueno da Silva – o Anhanguera –. Lembra-se que esta estátua foi encomendada por Pedro Ludovico Teixeira durante a inauguração de Goiânia em 1942, e está localizado entre as Avenidas Goiás com Anhanguera.

**Imagem 09:** O Anhanguera



**Fonte:** Revista Doca e Lucas  
**Autor:** AVELAR (2008, p. 6).

De certa forma, em Goiás, a edificação da figura dos Bandeirantes foi intensa, pois várias ruas, praças, avenidas e “monumentos” foram criados em sua homenagem. Assim, de acordo com a historiografia, os Bandeirantes desbravaram o sertão e Ludovico, de certa forma, apropriou-se dessa imagem do desbravador ao construir Goiânia, uma cidade “plantada no sertão”. (FERNANDES, 2013, p. 76). Lembrando que os Bandeirantes saíram da capitania de São Vicente (São Paulo) rumo Sant Anna (atual Cidade de Goiás), onde fundou a primeira capital de Goiás em 1722.

Dessa forma, Pedro Ludovico Teixeira foi oportunista ao utilizar a imagem dos Bandeirantes em seu projeto político, com objetivo de mostrar aos goianos que para construir a nova capital foi preciso muita luta e sacrifício assemelhando-se aos bandeirantes. Nesse sentido, Ludovico, no batismo cultural de Goiânia, em 1942, manda construir uma estátua do Anhanguera, e a sua posição, segundo Quadros (2014) afirma que sua localização é:

[...] Da Praça Cívica, sede dos poderes, seria possível avistá-lo. Anhanguera, entretanto, não olha para o governo. Fora colocado mirando a Cidade de Goiás. Estabelece, destarte, a correlação simbólica – e o símbolo é uma presença que substitui uma ausência – da antiga com a nova capital. (QUADROS, 2014, p. 22).

Nesse sentido, Pedro Ludovico Teixeira, de acordo com Quadros (2014), buscava construir a imagem de uma ponte entre o passado e o presente, que seria da antiga capital – Cidade de Goiás e a nova – Goiânia. Contudo, Fernandes (2013) nos apresenta que o Ludovico pretendia um rompimento com o passado /Goiás capital /Caiado com o presente /futuro /Goiânia/ Ludovico. Nessa perspectiva, a autora afirma que:

Pode-se, também, observa a utilização da imagem do bandeirante, na tentativa de preservação do passado, como elemento eminente e decisivo para a manutenção da ideia de “bravura”, de disposição para a vida política, de esforços sem medida daquele que “conquistou” e desenvolveu o Estado, que fundou com riso e lágrimas a Capital, que enfrentou bravamente os adversários. Dessa forma, Ludovico pode ser comparado com a bravura heroica dos Bandeirantes, que galgaram serras e montanhas, atravessando rios e vales abrindo estradas e povoados no sertão; o sangue derramado na defesa da integridade do solo contra qualquer “invasor” ou força contrária a seus objetivos de conquista. (FERNANDES, 2013, p. 57)

Assim, Fernandes (2013) mostra que Ludovico utilizou a imagem do Anhanguera para apresentar que também foi um personagem político de desbravamento para “desenvolver” um avanço significativo em Goiás, que seria a construção de uma imagem de bravura e coragem. Outro aspecto destacado é que Ludovico queria mostrar que a

transferência da Cidade de Goiás para Goiânia teve o mesmo impacto de quando Bartolomeu Bueno da Silva tornou Goiás “independente” da capitania de São Vicente.

Entende-se, então, que Ludovico utilizou vários mecanismos para mostrar a importância de ter realizado esse marco na História de Goiás. Por isso, a figura dos Bandeirantes vai aparecer muito na História de Goiás, pois ocorreu uma tentativa que colocar o Anhanguera como um herói goiano, mas a história nos apresenta que os bandeirantes foram os primeiros a chegar a Goiás e explorar as riquezas minerais. Nesse sentido, Ludovico resolveu utilizar a imagem do Anhanguera não a de explorador, mas a de “bravura” e “coragem” para realizar mudanças significativas.

Diante disso, leva um tempo para construir uma imagem de um herói, e Ludovico precisava de apoio popular e ao mesmo tempo precisava de um símbolo que representaria a nova capital de Goiás, recorrente a isso Carvalho (1990) vem nos apresentar que:

Heróis são símbolos poderosos, encarnação de ideias e aspirações, pontos de referências, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. Em alguns, os heróis surgiram quase espontaneamente das lutas que procederam a nova ordem das coisas. Em outros, de menor profundidade popular, foi necessário maior esforço na escolha e na promoção da figura do herói. (CARVALHO, 1990, p.55)

Dessa forma, os heróis seriam teoricamente mais “fáceis” para legitimar o governo, ou seja, as imagens podem desenvolver uma sensação de proteção e sensibilidade por atingir tanto o coração e a cabeça das pessoas. Mas, isso só será possível se o herói fizer parte da construção da história, que no caso o Anhanguera foi o protagonista da História de Goiás e Ludovico utilizou a sua imagem para construir a sua imagem política.

Nesse sentido, Carvalho (1990) enfatiza que a manipulação pelo imaginário só acontece quando ocorrem mudanças sociais, econômicas e políticas, visto que as pessoas estão passando por um processo de ressignificação coletiva. Por isso, os governantes utilizam essa fragilidade para influenciar a população por meio do imaginário social, sendo assim, Pedro Ludovico foi oportunista em utilizar a imagem do Anhanguera em vários monumentos, ruas e avenidas da capital do Estado de Goiás. Discutindo a imagem do Anhanguera Barros (2014) enfatiza que:

Ao observarmos como a história do Anhanguera tornou-se a narrativa fundadora de Goiás, lançamos, assim, a hipótese pela correlação entre o primeiro representante do Estado e sua posterior recriação através de uma tradição mítica da figura bandeirante. Tanto o Estado quanto a religião, demonstrou Gauchet, possuem essa dívida mítica enquanto fundamento. A tradição comemorativa, que insere a lembrança no rito, tenta “pagá-la” repetidamente, mas nunca consegue quitá-la. (BARROS, 2014, p.16).

Anhanguera foi entendido por parte da historiografia goiana como um mito fundador de Goiás. Assim, a imagem de Bartolomeu Bueno da Silva (filho) foi utilizada por Pedro Ludovico para se colocar numa posição de corajoso, aventureiro, sonhador, capaz de lutar pela inovação, modernidade e avanço para enriquecer o Estado de Goiás. Essas imagens de Ludovico foram se consolidando ao longo do tempo como um herói que foi capaz de realizar a construção de uma nova capital.

Por isso, Ludovico, com o apoio de Getúlio Vargas no Estado Novo teve a chance de realizar esse movimento da “marcha para oeste”, para desenvolver o sertão goiano. Devido isso, aos poucos foi rompendo com as oligarquias da Cidade de Goiás e começou esse processo de “modernidade” e povoamento rumo ao “progresso”, saindo do atraso. Diante dessa reflexão Chaul (2001) enfatiza que:

A política estado novista, por intermédio do discurso de seus intelectuais goianos, procurava inserir Pedro Ludovico Teixeira no ideal de homem cordial, justificando, assim, seu caráter ordeiro e o ganho que a sociedade teria com o seu governo. Desta forma, a Marcha para Oeste constituiria o fruto momentâneo de uma prática sem precedentes no Brasil, ou seja, a da interiorização do país, ou em outras palavras, a da construção da “modernidade na selva”. (CHAUL, 2001, p.228)

Ludovico pretendia, segundo Chaul (2001), desenvolver o Estado de Goiás e para conseguir esse feito precisava do apoio de todos os goianos. Essa ideia de desenvolvimento era materializada na nova capital Goiânia, para ser referência do Estado de Goiás e no cenário nacional.

Como se pode observar, nesse primeiro momento, da Revista do Avelar (2008), o mesmo procura tratar sobre a importância da figura do Anhanguera, que foi o fundador da história de Goiás, sendo assim, foram desenvolvidos vários mecanismos para que seja lembrado como o personagem principal da História de Goiás. Por isso, quando Ludovico foi nomeado em 1930, Interventor e, logo em seguida, Governo de Goiás, procurou associar a sua imagem à de um governo que pretendia desenvolver no Estado de Goiás com coragem e destemor.

Essa imagem está presente na História de Goiás desde a chegada dos Bandeirantes, como pode ser percebido na imagem a seguir quando tio Doca conta para Lucas sobre as expedições “[...] uma dessas expedições foi a do Bartolomeu Bueno da Silva o Anhanguera pai. Que estava acompanhado de seu jovem filho e mais 150 pessoas aproximadamente” (AVELAR, 1987, p. 07).

**Imagem 10:** Expedições em Goiás



**Fonte:** Revista Doca e Lucas  
**Autor:** AVELAR (1987, p. 07).

Nesse quadrinho Doca apresenta para Lucas a imagem de Bartolomeu Bueno da Silva (pai e filho), possibilitando ao menino imaginar como seriam essas expedições entre os séculos XVI e XVII em Goiás. Nesse sentido, Doca mostrou através do GPS (Sistema De

Posicionamento Global) um mapa indicando as rotas para se chegar a Goiás pelo GPS do fusca Pequi. Ele destaca que os principais caminhos seriam percorridos por meio de pequenas embarcações pelos Rios Tocantins, Paranaíba, Rio Grande, Tietê, entre outros.

Lembra-se que os Bandeirantes chegaram a Goiás a procura de ouro nas margens dos rios como enfatiza Marcondes (2014):

A notícia da descoberta de ouro nos sertões ao norte das Minas Gerais fez soar ao longe relatos de abundância, que rapidamente se espalhavam por diversas localidades da colônia e chegavam à Metrópole, levando um grande contingente de pessoas a enfrentar os perigos de uma campanha arriscada para tentar o enriquecimento com o ouro das terras dos Goyazes. Com as descobertas, Goiás, extensão ao norte da capitania de São Paulo, passava a fazer parte do mapa administrativo da Coroa portuguesa de dos sonhos de milhares de pessoas da Colônia e Metrópole. (MARCONDES, 2014, p. 25).

Os bandeirantes ficaram interessados pelos colares de ouros que os índios carregavam no pescoço. Por isso, o Anhanguera os pressionou a mostrar o local de onde era retirado o ouro e nas regiões de mineração surgiram os primeiros povoamentos no território goiano. Nesse sentido, Chaul (2001) destaca que Goiás tinha um potencial de ouro para explorar, explicando que:

A procura de índios e os indícios de existência de ouro em Goiás fizeram com que inúmeras bandeiras penetrassem em terras goianas, em busca da ambicionada mão-de-obra e da potencial riqueza. De Sebastião Marinho, quando penetrou nas cercanias das nascentes do Rio Tocantins em 1592, a Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, os índios e o ouro de Goiás despertavam ambições e atraíam bandeirantes e sertanista que desbravaram esse território hostil e selvagem. (CHAUL, 2001, p.33).

Dessa forma, é importante destacar que tio Doca, ao chegar a Goiânia, lembra a Lucas que “[...] o Estado não tinha a aparência que tem hoje, havia muitas árvores, animais e índios.” (AVELAR, 2008, p. 06), no entanto, a figura do nativo passa quase que despercebida na narrativa de tio Doca, ou seja, assim como nos quadrinhos de Avelar (2008) até muito recentemente:

Os índios eram sujeitos praticamente ausentes em nossa historiografia. Relegados à condição de vítimas passivas dos processos de conquista e colonização, seu destino inexorável era desaparecer à medida que a sociedade envolvente se expandia. Nas últimas duas décadas, porém, significativas mudanças teórico-metodológicas, associadas a criteriosas pesquisas empíricas, proporcionaram o surgimento de uma nova perspectiva sobre as populações nativas. (GARCIA, 2010, n.p.)



No entanto, entende-se que Avelar (2008), nos quadrinhos Doca e Lucas trata a “[...] temática indígena a partir de uma visão evolucionista e eurocêntrica, onde na escala evolutiva, os indígenas, “primitivos”, “atrasados”, seriam incapazes de adentrar ao estágio de civilização”. (MONTEIRO, 2010, p. 06). Nesse sentido, a imagem a seguir mostra a suposta encenação feita por Anhanguera ao colocar fogo em um recipiente com água ardente fazendo com que os índios acreditassem que ele teria poder para colocar fogo nos rios.

**Imagem 11:** Encenação do Anhanguera.



**Fonte:** Revista Doca e Lucas  
**Autor:** AVELAR (1987, p. 09).

Diante da suposta encenação, os índios teriam se sentindo ameaçados, já que os rios eram/são sagrados para eles, e mostrado o local das minas de ouro. Os nativos aparecem como indivíduos com limitada capacidade de ação. Essa imagem privilegia os feitos dos conquistadores:

[...] silenciando ou ignorando os feitos e a vivência dos povos que aqui viviam. Isto resulta no fato do índio aparecer como coadjuvante na história e não como sujeito histórico, o que revela o viés etnocêntrico e estereotipado da historiografia em uso. (MONTEIRO, 2010, p. 06).

Ao colocar fogo na água ardente, Anhanguera foi apelidado pelos índios como “Diabo vermelho”. Por isso, de acordo com Pacheco (2008), os índios viam no Anhanguera

uma pessoa má e que os assombrava. Então o recurso de colocar fogo na água ardente foi um dos mecanismos utilizados para amedrontar os índios e evitar o confronto. Nesse contexto, Pacheco (2008) ressalta que:

Diante de índios que podiam se converter em perigo concreto, caso se julgassem aviltados, Bartolomeu Bueno iniciou uma encenação artilosa, que até mesmo pareceria cômica ou ridícula, caso o fim perseguido não fosse o apresamento. Com a participação dos componentes de sua tropa, o Diabo Velho forjou uma espécie de dança, que visava, unicamente, facilitar o acorrentamento dos indígenas. (PACHECO, 2008, p. 57).

O fato dos índios não terem conhecimento da existência da água ardente possibilitou que Anhanguera os manipulasse. De certo modo, conseguiu atingir seus objetivos que era amedrontá-los para explorar as riquezas do Brasil e, conseqüentemente, de Goiás, já que esta era a terceira capitania com a maior produção de ouro perdia apenas para as Minas de Cuiabá. No entanto, ao desconsiderar a incapacidade de agir dos povos indígenas, o autor desconsidera os vários acontecimentos que marcaram a história das lutas dos indígenas pelos seus direitos.

Ainda relacionada à questão dos indígenas, os quadrinhos de Avelar (2008), através da narrativa do tio Doca, destacam que os índios Goyá “eram bonzinhos” (AVELAR, 2008, p. 08), ou seja, quando Anhanguera chega a Goiás teve a oportunidade de encontrar com os índios Goyá e foi bem recebido por essa tribo, como pode-se perceber na imagem a seguir.

**Imagem 12:** Os índios Goyá.



**Fonte:** Revista Doca e Lucas  
**Autor:** AVELAR (1987, p. 08).

Percebe-se, então, nos quadrinhos de Avelar (2008) que Anhangüera aparece como o responsável por desenvolver e acelerar o processo de exploração intensiva. Assim, foi se tornado um protagonista da história de Goiás e os índios ficam nos “bastidores” e quando aparecem são apresentados como: “bonzinhos” e inocentes.

Nota-se, na mesma imagem que Anhangüera optou por construir uma moradia com o objetivo de procurar ouro na beira do Rio Vermelho e seus afluentes. Aos arredores do Rio Vermelho, surgiu um arraial para que a comitiva dos bandeirantes instalasse e iniciasse as explorações para enriquecimento da metrópole. Nesse contexto, Marcondes (2014) destaca que:

No ano de 1727, em função do garimpo que se desenvolvia às margens do rio Vermelho, erguia-se o arraial de N. S. de Sant’Ana, sob a direção de Bartolomeu Bueno da Silva, descobridor das riquezas minerais da região, e que um ano mais tarde seria nomeado superintendente das novas minas. Sob seu comando, o avanço para o interior do território obedecia a um regime particular: expedições saídas de São Paulo procuravam por novas áreas de mineração e, quando traziam notícias de terrenos ricos em ouro, eram sucedidas por um grande afluxo de pessoas que se estabeleciam em terrenos próximos aos veios encontrados. (MARCONDES, 2014, p.25).

As principais rotas para levar o ouro para São Paulo eram pelos rios, percorrendo a região sul de Goiás. Nesse local, os índios começaram realizar um movimento de resistência. Diante disso, os bandeirantes tiveram que organizar novas políticas convivência com os nativos, pois vários mineradores e índios estavam em conflito. Para conseguir que seu ouro chegasse ao destino final, deveriam realizar um novo planejamento. Recorrente a essa questão Marcondes (2014) lembra que:

A situação era particularmente problemática no sul de Goiás, região que recebeu o maior contingente de mineradores por concentra a maior parte das áreas de exploração, e que se distinguiu também por ser região habitada pela tribo Caiapó, sem dúvida a mais numerosa e resistente à presença de exploradores. Os Caiapós eram, essencialmente guerreiros, não costumavam recuar no território, como faziam outras tribos, e provocaram a morte de muitos mineiros nos inúmeros ataques à estrada real, único caminho autorização na ligação entre São Paulo e Goiás. (MARCONDES, 2014, p. 26).

Dessa forma, a Coroa Portuguesa ordenava os confrontos, possibilitando várias mortes de ambas as partes. Por isso, segundo Marcondes (2014) era importante conseguir uma pacificação na região do Sul com os índios Caiapós, pois seria ponto estratégico para os bandeirantes levar o seu ouro tranquilamente.

Nessas expedições, várias cidades/arraigais foram construídas e muitos mineradores chegaram a Goiás, pois precisava de trabalhadores para explorar as minas de ouro, já que não foi possível a utilização da mão de obra indígena. Em relação à mão de obra utilizada para a extração do ouro, a imagem a seguir mostra o trabalho feito pelos negros, mas, nos quadrinhos de Avelar (2008) não são mencionados o trabalho negro/escravo, somente aparece a imagem.

**Imagem13:** O trabalho de extração feito pelos negros



**Fonte:** Revista Doca e Lucas  
**Autor:** AVELAR (2008, p. 10).

Discutindo a questão do negro, Souza (2010) enfatiza que: “[...] em se tratando da população negra a atenção é desviada no sentido de não percebê-la enquanto sujeito de direitos. Perpassamos quase todo o século XIX tendo a população negra majoritária, mas ainda na condição de escravizada. (SOUZA, 2010, p. 37).

A imagem mostrada nos quadrinhos de Avelar (2008), ao abordar o tema escravidão, reforça as condições de vida dos cativos. Nesse sentido, a invisibilidade dos negros nos quadrinhos:

[...] a representação do negro em situação social inferior à do branco; o tratamento da personagem negra com postura de desprezo; a visão do negro como alguém digno de piedade; o enfoque da raça branca como sendo a mais bela e a de mais poderosa inteligência. (SOUZA, 2010, p. 42)

É muito cara, ainda hoje no Brasil. Nesse sentido, concorda-se com a leitura de Souza (2010), ou seja:

Dessa maneira, associou-se à imagem do negro, como sinônimo de escravidão, apenas como trabalhador braçal. Reproduziram-se a invisibilidade de seres humanos portadores de uma diversidade histórica e cultural, eliminando-se a possibilidade do negro aparecer na sociedade, como portador de novos pensamentos, de organizador de um modelo de política alternativa, como agente transformador. (SOUZA, 2010, p. 16).

É importante lembrar que a medida que Avelar (2008) delega diferentes valores a determinados atores sociais, “[...] estabelece o lugar que outros devem ocupar. A escravidão está inserida a um contexto mais abrangente, apresentando o escravo como uma simples peça da engrenagem: o escravo passivo e massacrado pelo sistema”. (SOUZA, 2010, p. 18). Nesse sentido, os quadrinhos de Avelar (2008) reduzem escravidão a um “[...] insignificante aspecto do sistema colonial a serviço do capitalismo e, a imagem do escravo aparece como objeto ou mercadoria, o escravo tratado como simples peça imóvel e passiva.” (SOUZA, 2010, p. 18).

Continuando a história, tio Doca enquanto descansa em um hotel em Goiânia, continua narrado ao sobrinho a História de Goiás, mencionado o crescimento urbano do Estado no período da mineração, como pode-se observar na imagem a seguir.

**Imagem 14:** A persistência dos Bandeirantes em busca de ouro.



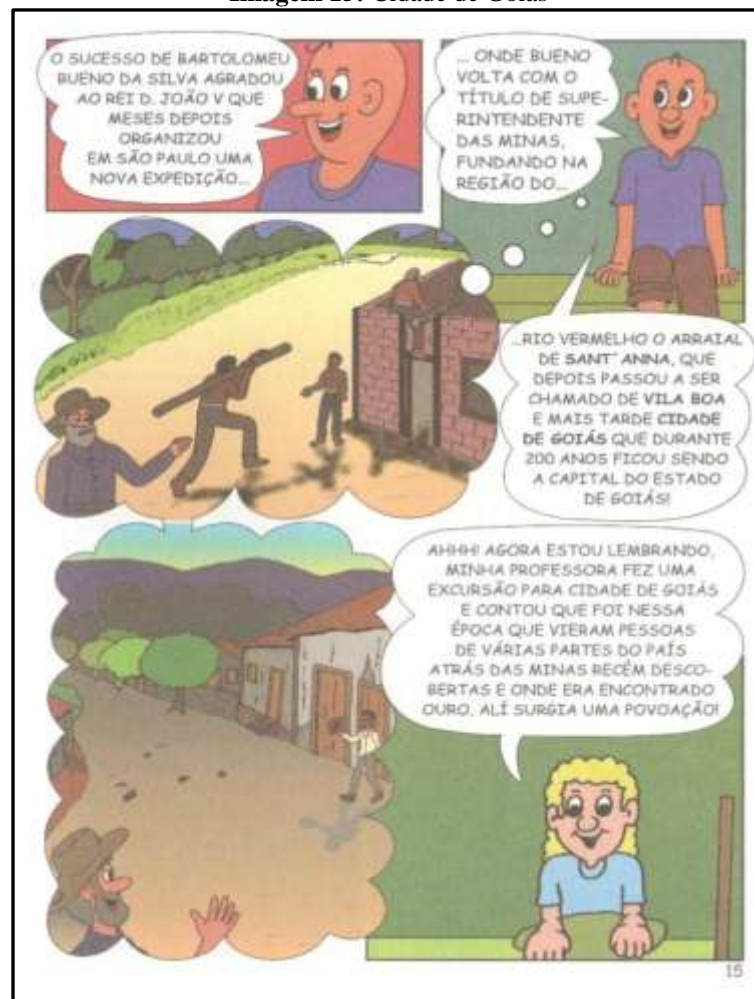
Fonte: revista Doca e Lucas

Autor: AVELAR (1987, p. 16).



“Nessa época nasceram outras cidades no caminho de São Paulo: Santa Cruz, Santa Luzia (Luziânia), Meia Ponte (Pirenópolis), Jaraguá, Vila Boa” (AVELAR 2008 p, 16). No entanto, tio Doca destaca o surgimento do Arrail de Sant’anna que mais tarde passou a ser chamado de Vila Boa e Cidade de Goiás que, em 1720, torna-se a capital do Estado de Goiás e assim permaneceu até 1930. A construção dessa cidade aparece nos quadrinhos de Avelar (2008) como se pode observar na imagem a seguir.

**Imagem 15:** Cidade de Goiás



**Fonte:** revista Doca e Lucas

**Autor:** AVELAR (2008, p. 15).

A imagem mostra, primeiramente, a construção de algumas casas e, em seguida, a cidade já construída com moradias pequenas, simples, de madeira, por isso a imagem de uma cidade atrasada que para os ideais de progresso de Pedro Ludovico não servia para Capital do Estado. No entanto, é importante lembrar que a retirada da capital da cidade de Goiás e a construção de Goiânia, a nova capital, afastava o centro do poder dos Caiado. Assim, Fernandes (2013) ressalta que “Pedro Ludovico, dessa forma, é visto como o bandeirante que

proporcionou o desenvolvimento e o progresso do Estado de Goiás “revolucionário” de 1930, tornou-se um emissário do progresso, o “desbravador” do sertão goiano”. (FERNANDES, 2013, p. 59).

Assim, a construção da nova capital para Pedro Ludovico Teixeira com o apoio de Getúlio Vargas na década de 1930, teve como objetivo construir um novo espaço para desenvolver Goiás, pois a Cidade de Goiás, reduto dos Caiado, na visão de Ludovico, segundo Fernandes (2013), dificultava a chegada do “progresso” e da “modernidade”. Assim, essa nova capital estaria rompendo com as políticas das oligarquias da Cidade de Goiás. Nesse sentido, Chaul (2001) nos apresenta que:

Através de Goiânia, Pedro Ludovico Teixeira procurou combater as ideias de decadência e de atraso que envolveu todo o percurso da história de Goiás. As recuperações dessas duas representações serviram para se construir o símbolo da modernidade em Goiás, fazendo crer que, num passe de mágica, com a nova capital, o Estado tivesse conseguido superar debilidades políticas e econômicas seculares, além de conflitos sociais e políticos que caracterizaram sua história. (CHAUL, 2001, p.236).

Por isso, a construção e a transferência da capital para a cidade de Goiânia tornou-se um marco divisor da História de Goiás, pois, com a “Revolução 30”, ocorreu várias transformações sociais, políticas e econômicas em Goiás. E essa transformação ocorreu por causa do interventor Ludovico, que utilizou a imagem dos Bandeirantes para conseguir aceitação popular. Fernandes (2013) nos apresenta que:

O mito do bandeirante, assim como toda criação simbólica de uma coletividade, pode ser assumido para buscar coesão interna. A imagem do “bandeirante”, cristalizada na memória histórica nacional, é, antes de tudo, a imagem do bravo e destemido, daquele que enfrenta várias dificuldades para desbravar os desconhecidos e misteriosos sertões brasileiros. Essa imagem não se limita apenas ao período das “Bandeiras”, é recorrente no governo de Getúlio Vargas (a macha para o Oeste e a fundação Brasil Central). (FERNANDES, 2013, p, 57).

Em relação à mudança da capital do Estado de Goiás, os quadrinhos de Avelar (2008) destacam o papel de Pedro Ludovico Teixeira e a participação do então presidente Getúlio Vargas, como se percebe na imagem a seguir.



**Imagem 16:** Aperto de mãos entre Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira



**Fonte:** revista Doca e Lucas

**Autor:** AVELAR (1987, p. 18).

Então, com a chamada “Revolução de 30” Vargas nomeia Ludovico como Interventor do Estado de Goiás, com isso segundo Fernandes (2013):

[...] ocorreu que o poder estadual, representado por Ludovico, estava agora submetido ao poder central, representado por Getúlio Vargas. O Estado não tinha autonomia, pois o interventor fora nomeado por Getúlio Vargas. (FERNANDES, 2013, p. 26).

Os quadrinhos de Avelar (2008), mostram Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira apertando as mãos como símbolo de parceria política e econômica para a construção da nova capital do Estado. No entanto, não era suficiente apenas a criação de um ambiente urbano, para a nova cidade que representaria o futuro promissor que o estado trilharia, dever-se-ia atingir todos os espaços sociais, difundir as suas noções de civilidade. Buscava-se uma nova imagem para o Estado de Goiás se contrapunha ao período anterior a 1930 e que “[...] emanasse o espírito dos novos tempos do por vir”. (SANTOS, n.d, p. 11)

Nota-se que, a mesma imagem ilustra-se, também, um trem de ferro que. Assim como Goiânia representava o ideal de progresso, desenvolvimento e modernização, o trem, além de significar um “pontapé inicial” de modernização, caracterizava-se por ser um bom meio de acumulação de capital por parte do Estado de Goiás, assim como para o Brasil. O Estado de Goiás, de acordo com Fernandes (2013), considerado, por Ludovico, como arcaico com seu imenso território, em parte ainda não explorado, passaria a integrar aos Estados mais desenvolvidos a partir da construção de Goiânia e que as ferrovias seriam a solução dos maiores problemas como transporte e comunicação.

Então, a imagem que retrata o aperto de mãos entre Ludovico e Getúlio Vargas e o trem de ferro é a última apresentada nos quadrinhos de Avelar (2008) que narra através do tio Doca a História de Goiás. Mas, nas duas últimas páginas da Revista Lucas após ouvir as narrativas do tio Doca, dorme e sonha que é um bandeirante enfrentando animais selvagens e acorda assustado.

Nota-se que os quadrinhos de Avelar (2008) começam com a viagem de tio Doca e Lucas para Goiânia “[...] a capital do Estado de Goiás, a bela cidade de Goiânia” (AVELAR, 2008, p. 05) e a primeira imagem vista por ambos é a estátua do Anhanguera “o aventureiro e o desbravador de Goiás”. Durante a hospedagem em Goiânia tio Doca conta para o sobrinho Lucas parte da História de Goiás dando ênfase a temas que, de certa forma, marcaram a Historiografia Goiana: A chegada do Anhanguera, a mineração, crescimento populacional e urbano do Estado e construção de Goiânia, a nova capital do Estado.

Após a análise da Revista em Quadrinhos Doca e Lucas de Avelar (2008) considera-se que a mesma enquanto recurso didático para o ensino de História de Goiás é um material rico e nota-se, também, que a linguagem desses quadrinhos permite aos discentes a aquisição de diversas informações/conhecimento. Mas, é importante lembrar ao usar esse material cabe aos professores uma série de críticas, por conta das ideologias presentes na criação desse material e a concepção de História do autor.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: Palavras de Fim em Fim de Palavras

Após realizar essa pesquisa, entendeu-se que as histórias em quadrinhos são materiais de suma importância, desde que o professor/historiador as empregue de forma problematizada. Ou seja, os quadrinhos devem ser analisados em seus vários aspectos que contém na sua construção, estruturação, códigos, elementos textuais e visuais. Assim, os alunos conseguirão entender os vários mecanismos de interpretações e elementos que as histórias em quadrinhos oferecem.

Dessa forma, o professor-pesquisador precisa apresentar essas novas linguagens no ensino e aprendizagem de História para que os alunos tenham conhecimentos de que a disciplina de História não é somente o que está nos livros didáticos (ressalta-se que os livros didáticos não são ruins, pois afinal é a ferramenta principal nas escolas públicas), mas que diferentes fontes podem e devem ser utilizadas no processo ensino/aprendizagem, por isso o interesse de apresentar as histórias em quadrinhos como um material didático nessa pesquisa.

Outro fator a destacar é que as histórias em quadrinhos não podem ser um instrumento para substituir o livro didático ou como ilustração de conteúdo. Ou seja, o professor/historiador deve problematizar e mostrar as várias hipóteses de interpretações que os quadrinhos contêm. Assim, essa prática/atividade pode contribuir para formação cidadãos capaz de realizar críticas construtivas de quaisquer objetos, pois as novas linguagens estão por toda parte, por exemplo, nas redes sociais, televisão, revistas e as revistas em quadrinhos.

Com isso, ampliando as fontes históricas, os alunos conseguirão perceber que a disciplina de História é muito importante, pois esta disciplina tem como objetivo de proporcionar uma formação globalizada aos alunos. Afinal, a História é uma disciplina indispensável para formação de crianças, jovens e adultos, já que a mesma apresenta vários elementos políticos, sociais, culturais e econômicos. Por isso, nessa pesquisa, procurou-se mostrar que os quadrinhos constituem um material/recurso didático importante para a formação dos alunos na disciplina de História.

Nesse sentido, a pesquisa foi dividida em três capítulos: O primeiro, “As Histórias em Quadrinhos” na História tiveram como objetivo de fazer uma discussão sobre a trajetória dos quadrinhos ao longo da sua História, desde as primeiras formas de comunicação, isto é, as pinturas rupestres, até atualidade, mostrando as transformações ocorridas ao longo da sua História.

Já o segundo, “História em Quadrinhos no Ensino de História: Avanços e Desafios” foi discutido sobre o uso dos quadrinhos, no ensino de História, destacando seus avanços e desafios. Assim, os quadrinhos no ensino de História possibilitam os alunos a realizar a interpretações de novas linguagens e ao mesmo tempo o professor-pesquisador pode desenvolver o lado cognitivo deles, ou seja, podemos incentivar os alunos a construir a sua própria história em quadrinhos, essa oportunidade possibilita os mesmos a refletir sobre questões tempo, espaço, estruturação de um quadrinho (elementos de textos e imagens) e etc.

No terceiro e último capítulo, “Doca e Lucas na Sala de Aula: Vamos Estudar a História de Goiás”, foi realizada a análise da revista em quadrinhos de “Doca & Lucas em Anhanguera o povoador de Goiás” (2008) do autor goiano Lindomar Gomes de Avelar, como fonte para o Ensino de História de Goiás. Nesse sentido, os quadrinhos de Avelar (2008) nos apresentaram a história de Goiás em formato de textos e imagens, se forem problematizados na sala de aula poderá conseguir resultados positivos.

Nota-se que a prática dos quadrinhos na sala de aula, proporciona aos alunos a entrar em contato com outros tipos de fontes, e isso resulta novas fórmulas de interpretações e indagações. Por isso, o professor-pesquisador problematizado essas novas linguagens no ensino de História, orienta o seu aluno a realizar interpretações de comunicações do seu cotidiano, ou seja, saber lidar com as ferramentas das redes sociais, revistas, outdoors e outros tipos de mídias visuais e textuais.

## 6. LISTA DE FONTE

AVELAR, Lindomar Gomes de. **Doca & Lucas em Anhanguera o Povoador de Goiás.** 3 ed. Goianésia- Goiás: Estúdio Avelar, 2008.

## 7. REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Hollien Gonçalves. *Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos*. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- BITTENCOURT, Circe. *Capitalismo e Cidadania Nas Atuais Propostas Curriculares de História*. In: **O Saber Histórico Na Sala de Aula**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- \_\_\_\_\_. Livros Didáticos Entre Textos e Imagens. In: **O Saber Histórico Na Sala de Aula**. 12ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CARVALHO, José Murilo de. *Tiradentes Um Herói Para a República*. In: **A formação das almas: O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Do livro à leitura*. In: **Práticas Da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: Da Construção da Decadência aos Limites da Modernidade**. 2° ed. Goiânia: UFG, 2001.
- CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. *O Centenário da Revista O TICO*. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**. n°20. Goiânia: Asa Editora, 2009.
- FERREIRA, Alessandra. *A inserção das tirinhas e charges nas aulas de História: uma estratégia de ensino que promove a reflexão crítico em sala de aula*. In. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal- RN. 22 a 26 de julho 2013.
- GARCIA, Elisa Frühauf. “Resenha”. In: **Revista Brasileira de História**. On-line version.vol.30 no.59. São Paulo June 2010. Disponível no site: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882010000100015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882010000100015). Acesso em 20/07/2016.
- LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. São Paulo, contexto, 2005.
- MARCONDES, Javã Isvi Pinheiro. *Território Fechado e as Zonas de Seguranças: Uma Análise Sobre a Defesa do Território em Goiás na Primeira Metade do século XVIII*. In: **Territórios da História Goiás Séculos XVIII- XX**. Vol. 1. Goiânia: PUC- Goiás, 2014.
- MONTEIRO, Diogo Francisco Cruz. “Representações do índio nos livros didáticos de história: diálogos sobre identidades”. In: **V Fórum Identidades e Alteridades: Educação e Relações Etnicorraciais**. UFS–Itabaiana/SE Brasil.10 a 12 de novembro de 2010. Disponível no site: [http://200.17.141.110/forumidentidades/IVforum/textos/Diogo\\_Francisco\\_Cruz\\_Monteiro.pdf](http://200.17.141.110/forumidentidades/IVforum/textos/Diogo_Francisco_Cruz_Monteiro.pdf). Acesso em 20/07/2016
- MOIMAZ, Érica Ramos. **O Uso da Imagem no Ensino Médio: Uma Avaliação Sobre Essa Contribuição Para a Aprendizagem dos Conteúdos em História**. Londrina- Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 2009. (Dissertação de Mestrado).

MUNIZ, Hstéffany Pereira e SOUZA, Antonio Klinger da Silva. *A Criação de Histórias em Quadrinhos Enquanto Recurso Didático no Ensino de História*. In: **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal- RN. 22 a 26 de julho 2013.

NEPOMUCENO, Terezinha. “A Caracterização Tipológica na tessitura dos Quadrinhos”. In: **Sob a Ótica dos Quadrinhos: Uma proposta textual-discursiva para o gênero de tira**. Uberlândia: UFU, 2005. (Dissertação de Mestrado)

NETO, Manoel Pereira de Macedo. *Parâmetros Curriculares Nacionais de História: desafios e possibilidades da história ensinada na Educação Básica*. In: **Revista História em Reflexão**: Vol. 3 n. 6- Dourados- MS: UFGD, jul/dez, 2009.

PACHECO, Ana Cláudia Marques. *Bandeirantes em Mato Grosso*. In: **As Representações Sobre o Bandeirante: Heroísmo e Civilização na Tentativa de Formação da Identidade Mato-Grossense (1922\_1946)**. Dourados- MS: UFGD, 2008. (Dissertação de Mestrado)

PALHARES, Marjory Cristiane. “Aprender História como Diferentes Linguagens”. In: **História em Quadrinhos: Uma ferramenta Pedagógica para o Ensino de História**. Paraná: Secretaria de Estado e Educação, 2008.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. “Por uma história prazerosa e consequente”. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

QUADROS, Eduardo Cusmão. *Anhanguera: O Mito Fundador de Goiás*. In: **Territórios da História Goiás Séculos XVIII- XX**. Vol. 1. Goiânia: PUC- Goiás, 2014.

SANTOS, Chrislayne Fernandes. *A Modernidade Chega de Trem: O Progresso Como Discurso Para o Advento dos Caminhos de Ferro no Estado de Sergipe*. UFPB, n.d. Disponível no site: <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/sermne/artigo13.pd>. Acesso em 20/07/2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *A formação do Professor de História e o Cotidiano da Sala de Aula*. In: **O Saber Histórico Na Sala de Aula**. 12ed. São Paulo: Contexto, 2015.

THEODORO, Janice. *Educação para um mundo em transformação*. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro. *A Linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária*. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4º ed. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. Uso das HQs no ensino. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4º ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VILELA, Marco Túlio Rodrigues. **História em Quadrinhos e História: Avanços, Desafio e Limites**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. Os quadrinhos na aula de História. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4º ed. São Paulo: Contexto, 2014.